SOGRAS

PRÓS & CONTRAS e OUTRAS CONVERSAS

MÁRIO SOUTO MAIOR

www.soutomaior.eti.br
Mário Souto Maior Web

Para Jan e Ana, esta
lembrança e o abraço de
Mauro
1992

SOGRAS

PRÓS & CONTRAS e OUTRAS CONVERSAS

ISBN-85-7019-240-1

© 1992 Mário Souto Maior

Avenida Getúlio Vargas, 963 Olinda, Pernambuco, Brasil

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana
Rua Dois Irmãos, nº 15, Apipucos - Recife - Pernambuco - Brasil
CEP 52071

Capa: *Sandra Rodrigues*
Revisão: José Romero e Liliana Salvi Dias

Souto Maior, Mário, 1920
Sogras: prós e & contras e outras conversas. / Mário Souto Maior. – Recife: 1992
114 p.

Inclui bibliografia
ISBN 85-7019-240-1
1. FOLCLORE –BRASIL, NORDESTE. I. Título.

CDU 398 (812/814)

MÁRIO SOUTO MAIOR

da Fundação Joaquim Nabuco

SOGRAS

PRÓS & CONTRAS e OUTRAS CONVERSAS

Recife
1992

BIBLIOGRAFIA DE MÁRIO SOUTO MAIOR

1 – MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife: 1938
2 – ROTEIRO DE BOM JARDIM (com Moacyr Souto Maior). Recife: 1954
3 – COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969; 2ª ed. Recife: Edições Grumete, 1984.
4 – O CICLO. Recife: 1970.
5 – CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Álcool, 1970/1971; 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 1985.
6 – ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971.
7 – EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife: 1971.
8 – DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA (1ª edição), Recife: 1973; 2ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3ª edição, Recife: Editora Massangana, 1985.
9 – A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
10 – NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS. (1ª e 2ª edições). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
11 – TERRITÓRIO DA DANAÇÃO (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, 1977). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.
12 – NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de Letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978.
13 – DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS (1ª, 2ª e 3ª edições) Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980; 4ª e 5ª eds. Rio de Janeiro: Record, 1988.
14 – FOLCLOREROTISMO (1ª e 2ª edições). Recife: Edições Pirata. 1980, 1981.
15 – GALALAUS E BATORÉS. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1981.
16 – PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE. Recife: Editora Universitária/ UFPE, 1981.
17 – COMES E BEBES DO NORDESTE (1ª, 2ª e 3ª eds.). Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1984–1985.
18 – MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984.
19 – SETE HISTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984.
20 – REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Editora Massangana, 1986.
21 – FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986.
22 – VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987.
23 – FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmio Sílvio Romero, 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazar/ 1989, Fondo Nacional de las Artes, Ministerio de Educación y Justicia, Argentina), Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.
24 – ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (com W. Valente). Recife: Editora Massangana, 1988.
25 – ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO (com W. Valente). Recife: Editora Massangana, 1989.
26 – ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE (com Leonardo Dantas Silva). Recife: Editora Massangana, 1991.
27 – A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Editora Massangana, 1992.
28 – SOGRAS: PRÓS & CONTRAS – E OUTRAS CONVERSAS. Recife: 1992.

A SAIR:

1 – NORDESTE: CANTIGAS DE NINAR.
2 – ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DO FOLCLORE (2º vol., com Waldemar Valente).
3 – BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DO FOLCLORE.
4 – BIBLIOGRAFIA DA LITERATURA DE CORDEL
5 – A PAISAGEM PERNAMBUCANA: PERNAMBUCO SOB A ÓTICA DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS E PESSOAS OUTRAS EM TEMPO VÁRIO (com Leonardo Dantas Silva)
6 – AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS.

Para Carlos Drummond de Andrade
Claribalte Passos
Domingos Vieira Filho
Fontes Ibiapina
Gilberto Freyre
João Chiarini
Luís da Câmara Cascudo
Luís Gonzaga de Melo
Manuel Diégues Júnior
Mauro Mota
Napoleão Figueiredo
Nilo Pereira
Théo Brandão
Renato Carneiro Campos
Rossini Tavares de Lima
e
Sylvio Rabello
— na Eternidade.

Nous sommes maintenant en état de formuler un critérium de ce qui est et de ce qui n'est pas folklorique. Nous dirons donc: le folklore, ce sont des croyances collectives sans doctrine, des pratiques collectives sans théorie.

VARAGNAC, André. **Definition du Folklore**. Paris, Societé d'Editions, 1938.

Sou um simples chronista, como que o rude mineiro que desce às profundezas da terra, extrahe o diamante informe, cheio de impurezas, e o entrega ao perito e paciente lapidario para lhe dar brilho e valor.

Pereira da Costa

SUMÁRIO

Págs.

De Trópico e tropicologia na obra de Mário Souto Maior — Zaída M. C. Cavalcanti ... 11

Sogras: prós & contras ... 29

Breves considerações sobre o boato e o boateiro ... 45

Folcomunicação do namoro à moda antiga ... 51

Olhos: janelas da alma ... 65

Apipucos ... 69

Palíndromos ... 73

Um gato chamado Tostão ... 77

Tanajura cai, cai, pela vida de teu pai! ... 81

Política & folclore ... 89

O Recife: a riqueza de seu folclore ... 105

DE TRÓPICO E TROPICOLOGIA NA OBRA DE MARIO SOUTO MAIOR

ZAIDA MARIA COSTA CAVALCANTI

Fundação Joaquim Nabuco
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Um homem situado no trópico

O estudo da obra de Mário Souto Maior revela, no substrato dos seus escritos, o homem que "se vê e sente habitado por uma natureza que, além de biológica e portadora de heranças é-lhe essencial em invenções do seu próprio constituir-se". (MIRANDA, 1987).

Assim é Mário Souto Maior, um homem habitado pela natureza tropical no Nordeste rural brasileiro, de um tempo anterior, e pelas suas heranças, que o acompanham no seu existir, impregnando a sua mentalidade, a sua temática, o direcionamento dos seus estudos, seus enfoques e o seu jeito de dizer.

Mário Souto Maior é um homem simples, de hábitos simples, hábitos que leva consigo e institui no seu local de trabalho. Não utiliza ar-condicionado, nem se queixa de que o calor perturba. Não usa cortinas, nem persianas, mas mantém abertas portas e janelas, deixando o seu espaço permanentemente clareado pela luminosidade natural, ainda que venham, com ela, o mormaço e, eventualmente, um ou outro inseto. Movido por um, como que, fototropismo, coloca a sua mesa de trabalho de frente para as janelas. Ali é possível encontrá-lo, sobretudo nas horas mais quentes do dia, na postura que o matuto chama de **cismar**: corpo meio encurvado, estático, mão no queixo, ou cofiando o bigode, fitando o mundo lá de fora, aparentemente sem direcionar o seu pensamento, nem tentar discipliná-lo de algum modo, apenas permitindo o harmonizar-se com o tempo.

Nascido em Bom Jardim, Pernambuco, em 1920, Mário Souto Maior encontrou o seu mundo natural — a natureza do seu espaço — quase como Deus a criou e determinou para o trópico: cheia de luz, de cores e de sol.

Estava ali, a natureza, sem devastação, nem marcas outras de agressão pelo progresso, a vegetação exuberante em seus múltiplos estratos: frondosas árvores de grande porte — jaqueiras, mangueiras, sapotizeiros, pés de jenipapo e de fruta-pão, deitando sua sombra sobre ubaias, laranjeiras e limoeiros, sobre bananeiras; trepadeiras, orquídeas e parasitas, liquens ganhando espaço troncos acima; capins de muitas variedades capim-santo, erva-cidreira, pimenteira, quebrapedra, vassourinha-de-botão, alfavaca, chanana, pegapinto, urtiga, carrapicho, cogumelo, orelha-de-pau. E, sob a cobertura vegetal, folhas caídas, frutos maduros no chão, espargindo seu cheiro até virem a ser totalmente absorvidos pelo emaranhado de vida do solo tropical.

Era o tempo em que, intocada pelo asfalto e o cimento das rodovias, a natureza deixava-se percorrer por estradas carroçáveis e caminhos estreitos, prontos a se deixar fechar pela vegetação, caso não fossem trilhados durante alguns dias.

Era o tempo do barro vermelho, que largava poeira no verão e enlameava no inverno, colando, visguento — untuoso, no dizer de Gilberto Freyre — nos pés e nos sapatos das pessoas e nas rodas dos carros de boi.

Era o tempo do rio transparente, onde se podia pescar e tomar banho.

O tempo, de verão a verão, era dividido pela chuva: muito tempo sem chover e muita chuva quando chovia; e era marcado pelos ciclos culturais — as quatro festas do ano — o ciclo natalino, o carnaval, a quaresma e o ciclo junino cada qual com seus ritos e costumes; cada um com seus comes e bebes, cada um com seu jeito de celebrar.

A vivência da sua infância rural no trópico do Nordeste brasileiro impregna a obra de Mário Souto Maior, desde os seus primeiros escritos de juventude, mais próximos, portanto, dos objetos de suas lembranças, e impregna, ainda hoje os seus escritos de maturidade, corroborando o que afirma DIÉGUES JÚNIOR (1978): "ninguém, nenhum de nós se desprega do seu meio, por mais longe que vá no espaço físico; nenhum de nós se desprende daquelas influências presentes de seu ambiente

de nascimento, prolongado este na meninice, na juventude, na idade chamada madura; ninguém, mesmo distante, no tempo ou no espaço, de sua terra ou de sua gente nativa, esquece sua vivência. É a influência maior, a desses primeiros tempos, da vida em uma região, com gente igual numa vivência comum: as mesmas famílias, os mesmos brinquedos, os mesmos tipos de casa, os mesmos movimentos de transporte, as mesmas danças, os mesmos cantos, os mesmos encontros, nas mesmas ruas ou nas mesmas praças".

A persistência da tropicalidade na obra de Mário Souto Maior reitera, ainda, o que afirma FREYRE (1962) sobre as múltiplas relações do homem social, particularizado em membro de determinado grupo, ou de determinada geração, com o seu meio, ou espaço natural e, ao mesmo tempo, cultural, e com o seu tempo social, interdependentes, de modo reciprocamente dinâmico, um não determinando absolutamente o outro.

Do mesmo modo como é possível retraçar o espaço natural de Mário Souto Maior, é possível vê-lo como participante de um grupo e de um tempo, quando ele próprio se descreve: "Fui um menino como todo nordestino, chupei dedo, cacei passarinho e lagartixa com **baliadeira,** joguei castanha na calçada, furtei goiaba e cajus, brinquei de Lampião e Antônio Silvino com frutos de jurubeba, tomei leite ao pé da vaca e comi muito nambu assado..." (SOUTO MAIOR, 1969).

Do mesmo modo, é possível encontrar Mário Souto Maior inserido em uma geração de intelectuais nordestinos de origem rural — dispersa em muitas distâncias — cuja característica em comum está na migração precoce para a cidade grande e na influência desse evento nos escritos de cada um. Nos internatos, nas repúblicas, em casa de parentes, ou na casa alugada para os filhos estudarem, persistia a presença nostálgica do aconchego da família e dos amigos que ficaram, da liberdade e horizontes distantes, da paisagem da Zona da Mata dos canaviais, para uns; do Agreste, ou do Sertão, para outros. É a natureza do trópico rural que flui no estudo do folclore, em Mário Souto Maior, na literatura, da pena de um José Lins do Rego, de um Graciliano Ra-

mos, de uma Rachel de Queiroz; na poesia de Mauro Mota e de Ascenso Ferreira, para os quais a natureza tropical do litoral, onde completaram a adolescência e a juventude, não parece haver concorrido com as marcas da origem.

Do mesmo modo que seus coetâneos, os quais em meio aos saberes das capitais de Estados nordestinos, ou do cosmopolita sul do Brasil, reencontraram os saberes do Nordeste rural, Mário Souto Maior não recusou a cultura da cidade; fortaleceu com ela a sua identidade rural, usou-a para revisitar as suas origens e reapresentá-las de muitas maneiras à sociedade urbana e aos estudiosos do folclore.

Uma temática tropicológica

A temática de Mário Souto Maior é, como o próprio espaço tropical, uma variedade de elementos que se completam, que se inter-relacionam, que intercambiam características, se nutrem uns nos outros e fazem o seu tempo deslizar entre os dois termos sempre presentes da antinomia e da dualidade do trópico: a seca, e as chuvas intensas; as tonalidades sépias de quando não chove e a exuberância do verde, depois da chuva; o rico e o pobre; o sagrado e o profano; o homem e a mulher, o nascer e o morrer.

A percepção da dualidade do ambiente tropical é encontrada em muitos trechos da obra de Mário Souto Maior. Em **Cachaça** (1969/70), a antinomia entre a seca e a chuva é abordada de maneira vívida, levando o leitor a perceber o fenômeno com a mesma clareza com que o narra o autor. Observe-se:

"... A seca estava braba no Sertão. No céu as nuvens carregadas de chuva passavam, indiferentes. O gado morria nos campos sem pastagens. As árvores já sem folhas, estorricadas..."

E segue:

"Então um sertanejo, todo santo dia, pela manhã, caminhava léguas para ir buscar água num poço, para a família beber e salvar umas touceiras de cana plantadas perto de casa."

E ressaltando os contrastes dos trópicos entre a estação seca e das chuvas:

"Antes de ver as canas morrerem, as chuvas chegaram com relâmpagos e trovões. Os campos num instante ficaram bonitos, cobertos de pastagens..."

A cana, o canavial e a cachaça — elementos típicos não só do trópico brasileiro, como também dos demais espaços tropicais da Terra — são uma presença freqüente na obra de Mário Souto Maior. **Gostosuras populares da cana e do açúcar; Cachaça** e **Dicionário folclórico da cachaça** são alguns dos títulos que tratam da matéria.

Em uma outra passagem (SOUTO MAIOR, 1978) ele mostra a influência da dualidade climática tropical no condicionamento da atividade econômica:

"O sertanejo vive mais do criatório, porque a chuva é mais escassa e o gado é criado solto, em constante migração, para onde haja vegetação e água."

"Enquanto os trabalhos agrícolas da Zona da Mata são executados em terras próprias, cercadas com arame farpado, em constante obediência ao calendário das chuvas em função do ciclo vegetativo do feijão, da cana-de-açúcar e do algodão, o sertanejo não tem inverno certo e só conta com chuvas escassas para encher seus açudes e com uma vegetação constituída de plantas que não necessitam de tanta água ou de terreno úmido, como a macambira, o facheiro, o juazeiro e outras da mesma espécie" (SOUTO MAIOR, 1978).

Um aspecto interessante na obra de Mário Souto Maior, porque reitera a tropicalidade presente no seu constituir-se, é que, mesmo sem se submeter a uma ordem cronológica e, segundo ele próprio, sem brotar de uma intenção anterior de registrar as diferentes fases do existir no trópico, ele aborda cada fase do ser humano — na sua percepção de homem situado no trópico — registrando seus ritos, seus costumes e suas experiências e respectivas relações com o espaço geográfico em que habitam.

Em **Como nasce um cabra da peste** o autor descreve o nascimento e os seus ritos, em comunidades rurais do Nordeste brasileiro de um tempo, destacando a pre-

sença dos elementos peculiarmente tropicais do esperar e dar à luz uma criança.

A água de coco **(cocus nucifera)** é lembrada como um bom remédio para antojos. Para os cuidados com a alimentação da gestante, lembra o autor o doce de coco, e exemplifica o objeto dos chamados **desejos** da mulher grávida, com a vontade de comer a pamonha, a rapadura batida; evoca, portanto, o coco, o milho e a cana, que são elementos, os mais comuns, da flora tropical (SOUTO MAIOR, 1969).

São, do mesmo modo, da flora tropical as **meisinhas** servidas à parturiente vítima de hemorragia, e referidos naquele mesmo livro: erva-cidreira **(Lippia geminata);** manjericão **(Ocinum gratissimun);** malva **(Malva silvestris);** e, para a febre puerperal, o chá da casca da aroeira **(Schinus molle)**.

É, ainda, da flora tropical a alfazema **(Lavandula spica)** que se queima sobre brasas para a criança ser feliz.

O fumo e o fumar — vegetal e costume das regiões tropicais — são mencionados nos rituais do nascimento em **Uma visão etnográfica do fumo**: "No Maranhão, Domingos Vieira Filho... registra o uso de cuspo do fumo no curativo do umbigo de menino novo, antes e depois da queda". (SOUTO MAIOR, 1978).

A infância de menino situado no trópico é descrita na sua própria — por Mário Souto Maior, em passagem já citada no presente texto e aqui repetida, para destacar as referências que contém, a flora e fauna tropicais: "cacei passarinho e lagartixa com baliadeira, joguei castanha na calçada, furtei goiabas e cajus; brinquei de Lampião e de Antônio Silvino com frutos de jurubeba". (SOUTO MAIOR, 1969).

Dentro da temática do existir no trópico, seu ciclo vital e suas dualidades críticas, Mário Souto Maior trata do problema da estatura ao final do crescimento, onde, por meio das expressões populares sobre os tipos físicos altos e baixos, mostra, em **Galalaus e Batorés** (SOUTO MAIOR, 1981) como, embora sendo mais característica do trópico brasileiro, a estatura baixa é mais chegada ao pejorativo do que a estatura alta.

A vida adulta do ser humano é abordada por Souto Maior em diferentes ocasiões:

A percepção da idade, em um enfoque de comunidades situadas no trópico é tratada em **Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade** (1987).

O sexo e a sexualidade são abordados em **Folclorerotismo** (SOUTO MAIOR, 1980) e em **Dicionário do Palavrão e termos afins** (1980).

As ocupações do homem do trópico do Nordeste Brasileiro e os seus divertimentos são enfocados particularmente em **Nordeste: A inventiva popular** (1978) e em **Painel Folclórico do Nordeste** (1981).

E, finalmente, o mito e a morte, aborda-os Mário Souto Maior em **Território da Danação** (1974) e a **Morte na Boca do Povo** (1974).

O comer e o beber do homem tropical são também tratados em diferentes ocasiões, a saber: **Cachaça** (1970); **Em torno de uma possível etnografia do pão** (1971); **Dicionário folclórico da cachaça** (1973); **Comes e bebes do Nordeste** (1984); e **Folclore e alimentação** (1988).

Além dos referidos títulos, estão inseridos em coletâneas: **Cachaça, etc. e tal (in Folclore quase sempre,** 1988); **Gostosuras populares da cana e do açúcar** e **Presença do Alfenin no Nordeste brasileiro (in Nordeste: a inventiva popular,** 1978); **Caju & folclore: uma contribuição à cozinha nordestina (in Painel folclórico do Nordeste.** 1981).

Nem sempre Mário Souto Maior explicita a natureza tropical de sua temática, mas, em **Comes e Bebes do Nordeste** o faz logo na introdução: "Gostosamente variada e tropicalmente colorida, a cozinha nordestina tem suas raízes mergulhadas no tempo da colonização..."

Obras como as referidas revelam que muito embora Mário Souto Maior não pareça interessado em situar seus trabalhos no marco teórico da Tropicologia está seguro da possibilidade de fazê-lo.

Outros aspectos da temática tropicológica de Mário Souto Maior serão observados na sessão seguinte deste trabalho.

O método da Ciência Tropicológica na obra de Mário Souto Maior

Transdisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade são as palavras-chave da metodologia da Ciência Tropicológica. É a convergência dos saberes das várias áreas e dos vários níveis de conhecimento que possibilita a identificação de múltiplas e possíveis relações, capazes de descrever e explicar as peculiaridades do modo de existir do homem situado no trópico. (FREYRE, 1961; MACEDO, 1987; MIRANDA, 1988 e LACERDA, 1988): "Da física à biologia e à nutrição, da geografia à demografia, da economia à engenharia urbana, pelas matemáticas; da história à documentação e às artes plásticas e teatrais; da sociologia com o direito e o mundo empresarial, industrial, governamental, da teologia à filosofia, busca-se com cada uma delas e o seu universo de compreensão atingir a modalidade de vida do homem situado, seus condicionamentos, sua formação, seu desenvolvimento, sua história, sua vida na comunidade familial e da cidadania, no entrosamento de relações que partiu do homem e a ele retornando, influenciam seu consentimento à convivência participativa da sociedade". (MIRANDA, 87).

E de tal inter-relacionamento de saberes teóricos e práticos, forma-se a Tropicologia fundamentalmente ecológica antes de ser dinamicamente biossocial e biocultural. (FREYRE, 1962).

Na obra de Mário Souto Maior a convergência de saberes e a interdisciplinaridade estão sempre presentes. Mantendo os seus estudos ao nível do folclore, da cultura do povo, do saber do povo, Mário Souto Maior não faz por assumir o papel do antropólogo, acadêmico a buscar relações e interpretações somente antropológicas e teóricas que expliquem as manifestações populares. Mas, é na forma de narrá-las e de ajuntá-las em seus volumes que ele faz convergir os vários saberes e os interpreta, devolvendo-os, aos estudiosos do folclore, na forma de um novo saber.

Observe-se, nos excertos abaixo, com que simplicidade ele fala dos inúmeros saberes que se relacionam

com os produtos da cana e do açúcar e com o seu consumo.

Como todos os possíveis produtos da cana e do açúcar — exceto o rolete — nascem necessariamente do caldo da cana, é por aí que Mário Souto Maior inicia o seu trabalho **As gostosuras da cana e do açúcar:** "A extração do caldo de cana tem a sua técnica: as canas são primeiramente raspadas, como medida de higiene e esmagadas com um cepo, a fim de facilitar o trabalho da moagem. Uma bica de zinco ou mesmo flandres, recebe o caldo que cai num depósito".

Prossegue dando, na linguagem mais simples, informações sobre características agronômicas e bioquímicas da cana-de-açúcar e sobre os diagnósticos do saber popular quanto a algumas conseqüências do seu consumo: "Nem toda qualidade da cana dá um caldo gostoso. A cana-caiana, mais pobre em sacarose, é a melhor, a mais mole e a mais gostosa de se chupar e, conseqüentemente, a que dá o melhor caldo.

As canas destinadas ao fabrico do açúcar, por conterem alto teor de sacarose, costumam provocar embaraços intestinais nas pessoas que as chupam".

Prossegue, fornecendo informações da medicina popular no que concerne às curas e ao que faz mal, no âmbito do consumo humano da cana-de-açúcar e as suas possíveis relações com a hemodinâmica:

"O caldo-de-cana não pode ser bebido por mulheres paridas: pode causar hemorragia."

"As pessoas quando atacadas de hemorróidas não devem tomar caldo-de-cana. As hemorróidas ficam assanhadas."

"Quando se dá um corte, nada como botar uma lãzinha molhada em caldo-de-cana. Atua como homeostático e cicatrizante."

Relaciona ainda as propriedades da cana-de-açúcar ao metabolismo da prolactina.

"... Depois do resguardo, entretanto, é um excelente adjutório para as mães que amamentam os filhos, porque faz aumentar o leite..."

Prossegue, o folclorista, no seu artigo, falando das gostosuras; o pirulito e os doces com respectivas receitas. E, em um mergulho na História, e na sociologia da

família colonial informa: "Tudo faz crer que o mel-de-engenho nunca tenha tido vez na mesa dos aristocratas do açúcar". "... Era um doce mais consumido pelos escravos e pelo povo do que pelas sinhás e sinhôs acostumados com doce-em-calda feitos com as frutas do pomar..." "Mas quando a **casa-grande** recebia visitas da capital, o caldo de cana, o mel de engenho, o açúcar bruto louro como um viking, ganhavam lugar na mesa de jacarandá da sinhá e tinham até direito a toalhas de renda e talheres de prata". (SOUTO MAIOR, 1988).

O tema da cana-de-açúcar é retomado por Souto Maior em **Cachaça, etc. e tal,** onde dentro do mesmo princípio de interdisciplinaridade e de saberes de diferentes áreas traz ao leitor informações botânicas sobre a origem geográfica da cana: "A cana-de-açúcar, planta da família das gramíneas **(Saccharum officinarum),** originárias da Ásia Meridional, foi trazida para o Brasil pelo português colonizador".

Do mesmo modo que aborda a cana-de-açúcar em seus múltiplos aspectos Mário Souto Maior o faz a respeito do pão.

No seu livro **Em torno de uma possível etnografia do pão** (1971), aborda-o do ponto de vista da história, com informações que remontam ao período de Antes de Cristo, tanto em referência ao consumo do pão, como à sua fabricação, nos diferentes períodos da história.

Situa, com palavras de Gilberto Freyre (1966) o surgimento do pão no Brasil:

"O pão foi outra novidade do século XIV. O que se usou, nos tempos coloniais, em vez de pão, foi beiju de tapioca ao almoço e ao jantar, a farofa, o pirão escaldado ou a massa de farelo de mandioca feito no caldo de peixe ou de carne."

Contextua o pão na vida das comunidades nordestinas, mencionando os seus sucedâneos tropicais referidos como pão: **pão-de-milho, pão-de-pobre** (mandioca), **pão-de-brabo** (pão-doce); refere-se ainda ao fruto tropical cujas qualidades assemelhadas à do pão deu-lhe o nome de **fruta-pão**. E menciona ainda o **pão-de-açúcar,** medida de capacidade utilizada nos velhos engenhos nordestinos.

No mesmo trabalho aborda Mário Souto Maior o papel do padeiro na comunicação entre as comunidades rurais do passado.

Em seu livro **Antônio Silvino, Capitão de Trabuco** (1969), Mário Souto Maior faz convergir uma variedade de saberes para, a partir das relações explícitas, e das que intui, apresentar Antônio Silvino aos olhos contemporâneos, como o afirma CASCUDO (1969), como um cangaceiro sem deformação biográfica, sem exaltação demagógica, sem utilização política. Nítido. Inteiro. Legítimo.

Naquele livro, a Geografia situa o espaço onde medrou o cangaço:

"Situado o **habitat** do banditismo nordestino entre o Vale do Cariri e o rio São Francisco, estendendo-se da serra do Quicincá à do Martins e daí às faldas da Borborema e aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, região que aglutina as fronteiras de sete Estados.. "

A psicologia aponta os condicionamentos do cangaço, e a sociologia remete para os problemas políticos e sociais da época, no Sertão.

"O clima, a fome, o analfabetismo, a cachaça, o jogo, o problema da distância relacionado com a falta de comunicação, o sadismo das forças políticas, o poder absoluto dos coronéis chefes políticos, a injustiça social e a decadência do Tribunal do Júri funcionando como mamulengo dos poderosos, o rígido código de honra sertaneja, o culto à bravura, a cumplicidade do homem do campo em troca de proteção, as questões de terra e tentar outras reações psicossociais foram causas que motivaram os primeiros passos dos que abraçaram a vida do cangaço."

No mesmo livro a História registra personagens, datas e seqüências de fatos a partir do nascimento de Antônio Silvino em 2 de novembro de 1875, em Afogados da Ingazeira, Pernambuco, até a sua morte, em 29 de julho de 1944, em Campina Grande, Paraíba.

"Seu lugar-tenente era o célebre Cocada, morto em combate no lugar chamado Serriba, na Paraíba."

"Godê, Baliza, João de Banga, Rio Preto, Dois Arroz, Tempestade, Ventania, Nevoeiro, Barra Nova, Relâm-

pago foram os cabras que mais se destacaram ao lado do capitão Antônio Silvino..."

"Em 1899 invadiu a usina do major Santos..."

"Em 1900... foi cercado pelo capitão José Augusto comandando 30 praças armadas até os dentes e, depois de sete horas de fogo, deixam a polícia brigando sozinha."

"Em 1904, no mês de outubro, entra em Vila do Pilar, na Paraíba, fardado de capitão de polícia..."

Na literatura romântica busca Mário Souto Maior a explicação para o carisma de Antônio Silvino. "Um herói cujos feitos foram contados pelo menos por três sertanejos que incorporam sua odisséia à literatura de cordel, com seus folhetos lidos à luz de candeeiros de querosene, depois de um longo dia de trabalho no campo".

Também em **Alimentação e Folclore,** que lhe mereceu o Prêmio Sílvio Romero — 1979, Mário Souto Maior busca informações nas relações interdisciplinares, dentre elas se destacam a título de ilustração:

"Surgem, assim, problemas alimentares decorrentes das relações existentes entre a população e o espaço físico de que a mesma dispõe..." "Os japoneses são cem milhões e vivem num território formado por centenas de ilhas... tiram sua alimentação do mar." "São pescadores e profundos conhecedores da ictiologia..."

"Em outros países, o problema da alimentação se entrelaça com a religião, como acontece com a vaca que, na Índia — país acossado pela fome — não é usada como alimento porque é considerada como animal sagrado."

Não só a transdisciplinaridade e interdisciplinaridade e a então necessária multidisciplinaridade caracterizam a metodologia da ciência tropicológica. Também a criativa utilização de objetos e fontes convencionais e inusitadas são um marco metodológico da ciência que Gilberto Freyre fundou.

A Tropicologia, tal como a Nova História, evocada por Westphalen (1987 a 1988) ao comentar as fontes utilizadas por Gilberto Freyre — novos problemas, novas achegas e novos objetos que somente viriam a ser sistematizados, como o reporta WESTPHALEN (1987).

"Em 1974, quarenta e cinco anos após o surgimento dos **Annales,** Jacques Le Goff e Pierre Nora, pela prestigiosa Gallimard, publicavam o seu **Faire de L'Histoire,** em três volumes, consagrados a (1) Novo Problema; (2) Novas Achegas e (3) Novos Objetos..."

Interessam-nos em relação à obra de Mário Souto Maior alguns dos mais **objetos** mencionados por WESTPHALEN (1987): o mito, as mentalidades, a língua, os jovens, a cozinha, a opinião. A questão do Mito é abordada por Mário Souto Maior de modo particular em **Território da Danação** e em **A Morte na boca do povo,** mas é quase sempre insinuada em todas as informações sobre o que faz mal na alimentação, na bebida e nos costumes, de um modo geral.

As mentalidades, por sua vez, estão descritas, particularmente em **Como nasce um cabra da peste** e em **Antônio Silvino Capitão de Trabuco** mas estão implícitos em trabalhos em que Mário Souto Maior registra as expressões e opiniões populares sobre dados objetos: **Páu: vocábulo de folklinguagem; O Diabo na linguagem popular; A morte na boca do povo; De boca em boca: uma conceituação popular**. Na linguagem em **Locuções e Eufemismos** (sobre o pão) e, ainda, no glossário de **Como nasce um cabra da peste,** e no glossário de **Cangaço,** por exemplo.

Nas obras mencionadas e nos temas dicionarizados por Mário Souto Maior, a língua é o objeto e o móvel da coleta e registro que o autor faz de alguns assuntos, como ele próprio o explicita, em referência à alimentação:

"Acreditar na importância da alimentação e na força das palavras faladas foi condição indispensável para a realização desta pesquisa etnolingüística, que mostra como a alimentação não é somente importante fisiologicamente, mas que também por essa mesma importância que a envolve, participa da fala de milhões de pessoas no mundo inteiro."

O mesmo diria, certamente, o autor, quanto aos demais temas que dicionarizou, no âmbito da linguagem popular: **Dicionário Folclórico da Cachaça** (1981), **Dicionário do Palavrão e Termos Afins** (1980), **Folclorerotismo**

(1988), **Galalaus e Batorés** (1981), **Comes e Bebes do Nordeste** (1984) e **Alimentação e Folclore** (1988).

A questão dos jovens é abordada especialmente em **Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade** (1987).

As fontes utilizadas por Mário Souto Maior são as que contêm os estudos multidisciplinares: as fontes peculiares às diferentes disciplinas que estiverem em jogo. Além dessas, de maneira segura ainda que despretensiosa, colhe Mário Souto Maior as suas informações nas fontes menos convencionais e inusitadas: livros de orações, livros de receitas, almanaques, jornais, grafites, bulas e na própria literatura brasileira, erudita e popular.

Admirador de Gilberto Freyre e seu leitor fiel, Mário Souto Maior reporta-se muitas vezes a fontes e dados gilbertianos, enquanto ele próprio faz tanto da literatura a que teve acesso na sua juventude, como da mais recente literatura brasileira, uma inesgotável fonte de dados, como se pode observar nas freqüentes abonações dos seus trabalhos.

Da literatura, quase obrigatória no repertório dos jovens de sua época, lembra Mário Souto Maior, como mananciais de informações sobre a ciência social tropicológica, particularmente os livros de Machado de Assis, **Iaiá Garcia, Helena, D. Casmurro** e **Casa Velha**; de José de Alencar, **Sonhos de Ouro, Pata da Gazela, Senhora, Lucíola, Mãe, Tronco do Ipê** e **Demônio Familiar;** de Joaquim Manuel de Macedo, **A Moreninha, As mulheres de mantilha** e **O moço loiro;** de Manuel Antônio de Almeida, **Memória de um Sargento de Milícias;** de Raul Pompéia, **O Ateneu**; de Carneiro Vilela, **A Emparedada da Rua Nova**; de José Lins do Rego, **Fogo Morto, Doidinho** e **Menino de Engenho**; de Gilberto Freyre, **Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Nordeste, Livro do Nordeste, Açúcar, Região e Tradição, Ordem e Progresso, Arte, Ciência e Trópico, Homem, Cultura e Trópico**. Lembra ainda Souto Maior, Mário Sette, Ascenso Ferreira, Mauro Mota, João Cabral de Mello Neto, Jorge Amado dentre tantos outros autores literários que passaram a sua juventude e maturidade no Nordeste.

Ainda entre as fontes bibliográficas, devem ser lembrados os autores de etnografia e folclore brasilei-

ros como Pereira da Costa, Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Raimundo Girão, Alceu Maynard e Sílvio Romero, dentre outros.

Com a mesma criatividade com que usa as fontes bibliográficas convencionais e inusitadas, Mário Souto Maior usa outras fontes, tais como, a música popular, os depoimentos pessoais, e do mesmo modo, os recursos da moderna tecnologia, como a TV e o rádio.

A fecunda obra de Mário Souto Maior vem sendo, a cada dia, enriquecida com novas contribuições suas ao estudo do folclore nordestino, sem que ele próprio se preocupe com justificativas metodológicas, nem com a utilização do moderno jargão das Ciências Sociais, mais interessado em transmitir as heranças culturais que se tornaram essenciais nas invenções do seu próprio constituir-se.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1 DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Prefácio ao livro de Mário Souto Maior. **Nordeste: A inventiva popular**. Brasília: Livraria Editora Cátedra, Convênio Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura, 1978.

2 FREYRE, Gilberto. **Homem, Cultura e Trópico**. Recife: Universidade do Recife, 1962.

3 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Categorias da experiência tropicológica. in CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1, 1987. Recife. Anais... Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987.

4 SOUTO MAIOR, Mário. **Como nasce um cabra da peste**. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969.

5 ———————. **Cachaça**. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Álcool, 1970.

6 ———————. **Antônio Silvino — Capitão de Trabuco**. S. Paulo: Arquimedes Edições, 1971.

7 ———————. **Em torno de uma possível etnografia do pão**. Recife, s. ed.

8 ———————. **A morte na boca do povo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

9 ———————. **Nordeste: a inventiva popular**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Editora Cátedra, 1978.
10 ———————. **Dicionário do palavrão e termos afins**. Recife: Editora Guararapes Ltda., 1980.
11 ———————. **Folclorerotismo**. Recife: Edições Pirata, 1980.
12 ———————. **Galalaus e batorés**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 1981.
13 ——————— —. **Painel folclórico do Nordeste**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 1981.
14 ———————. **Comes e bebes do Nordeste**. Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1984.
15 ———————. **Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade**. Recife: Grumete, 1987.
16 ———————. **Folclore & alimentação**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Folclore, 1988.
17 ———————. & VALENTE, Waldemar. **Antologia pernambucana de folclore**. Recife: Ed. Massangana, 1988.

SOGRAS: PRÓS & CONTRAS

1. SOGRAS E GENROS NUMA GUERRA UNIVERSAL

Não cabe somente à sogra a responsabilidade pela idiossincrasia existente entre ela e o genro. A verdade é que também há muito genro com culpa no cartório e que alimenta essa animosidade com todas as suas forças, a ponto de transformar a casa num verdadeiro inferno.

O escritor Luís Luna, que tantos bons livros escreveu sobre o Nordeste, nos fala de um genro de gênio forte que ele conheceu em Limoeiro, **seu** Panf(il)o, dono de uma bodega que ficava na estrada que vai para Bom Jardim. **Seu** Panfo havia declarado guerra à sogra, que vivia em sua companhia como gato e rato, cada qual procurando infernar a vida um do outro.

Seu Panfo tinha tanta raiva da sogra que a contrariava até mesmo nas coisas mais simples.

Um dia, quando ele carregava um saco de milho para dentro da bodega, deu uma topada no batente.

— Vôte! Só quem vem cego...

O velho Panfo ficou vermelho de raiva. Voltou ao terreiro com o mesmo saco de milho na cabeça e, novamente se dirigiu à bodega, aos gritos:

— Cego, eu estou é agora!

E deu um chute, de propósito, com tanta força, no batente, que a unha do dedo grande do pé pulou fora.

De outra vez, ele abriu a torneira da ancoreta para botar uma **bicada** para o escritor e para ele, naquele clássico copo grosso de bodega de beira de estrada. A velha sogra, sentada num tamborete e tirando umas baforadas em seu cachimbo de barro, observou:

— Chega, Panfo! O doutor não é cachaceiro como gente que eu conheço...

Seu Panfo não disse nada. Abriu a torneira da ancoreta de cachaça, deixou o copo transbordar até que alagou todo o balcão. Luís Luna se levantou e fechou a torneira, enquanto o velho Panfo, calado, bufava, dirigindo à sogra o olhar mais assassino que já se viu.

Conta, também, o escritor Luís Luna, que Paul Marie Adour, jornalista francês, de visita ao Rio de Janeiro, fazendo reportagem para o **Le Monde,** depois de tomar umas **biritas,** fez-lhe a seguinte confissão: "Três coisas estragam a primavera em Paris: o general De Gaulle, os turistas sul-americanos e a madame minha sogra que, nessa época, costuma vir da província".

Assim, fica fácil concluir que não somente as sogras como também muitos genros são réus do mesmo crime e devem dar mão à palmatória.

2. A COMPRIDEZA DE UMA LÍNGUA

A característica mais forte da sogra é gostar de falar, de falar muito, de discutir, semeando, assim, a discórdia entre a filha e o genro. Por conta disso, a sogra ganha os mais venenosos apelidos, tais como **língua de cão, língua de fogo, língua de espeto, língua quente, faladeira, boca do mundo, boca de praga, linguaruda, língua ferina, língua de sete pontas**. E dizem que a tarefa mais difícil e impraticável deste mundo é medir a língua de uma sogra, coisa, aliás, que ninguém ainda conseguiu fazer.

Falar demasiadamente e mal das pessoas é tão característico das sogras que um poeta popular improvisou esta sextilha:

"Difícil é se ver um boi
Subir num pé de mangueira
Sogra por boa que seja
Deixar de ser faladeira
Marido longe da esposa
Sem ter outra companheira."

Nas festas de aniversários e nos carnavais é quase comum a **língua de sogra** — um canudo de papel de um centímetro de largura por um palmo de comprimento

e que, ao ser soprado em uma das extremidades, se desenrola, produzindo um som sibilante.

Em Mato Grosso, existe um remédio que dizem ser muito bom para **curar** as sogras faladeiras. Ensina Hélio Serejo: "Querendo o genro travar a língua da sogra, é só atirar três grãos de milho torrado debaixo da cama dela. A sogra fica silenciosa que é uma beleza".

Não custa nada experimentar.

3. ESTÓRIA DA SOGRA DO DIABO QUE ERA MAIS LADINA DO QUE O DIABO E CONSEGUIU APRISIONÁ-LO, ETC.

Era uma vez uma sogra, uma sogra muito diferente porque ela era sogra do Diabo. Como não podia deixar de ser, sua filha vinha sofrendo, há muito tempo, toda a sorte de maltratos, pois o Diabo era um marido muito ruim, muito **embuanceiro** e não a deixava sossegada um só instante sequer. A sogra, que não era flor que se cheirasse, vivia, pelos cantos da casa, pensando numa maneira de acabar com o sofrimento de sua filha. E entrava dia e saía dia, entrava mês e saía mês, entrava ano e saía ano e o Diabo, todo santo dia, não perdia a vez de maltratar sua mulher, coitada.

Um belo dia a sogra do Diabo teve uma idéia: ia acordar logo que o dia começasse a clarear, esperar que o Diabo despertasse para pegá-lo de surpresa e colocá-lo numa garrafa, o que poderia ser feito pelo buraco da fechadura, para que ele nem percebesse. Assim pensou e assim fez. Arranjou uma garrafa escura e ficou esperando na porta do quarto, do lado de fora, que o Diabo acordasse. E quando o Diabo acordou, a sogra colocou a garrafa no buraco da fechadura que era por onde ele costumava entrar e sair todos os dias e, assim, num instante o aprisionou. Arrolhou, então, a garrafa, bem arrolhada e, altas horas da noite, a velha foi enterrar a garrafa numa **grota** esquisita, onde ninguém passava por lá.

Foi um santo remédio. Nunca mais ninguém teve notícias do Diabo, nem do seu paradeiro. É que a sogra tinha feito um serviço muito bem feito porque era mais sabida e mais ladina do que o Diabo.

Deixa que quando é um belo dia um velho soldado que tinha tanta vontade de ser general e que acabou ficando louco, andando sem destino, falando sozinho, sem juntar coisa com coisa — achou de passar pela **grota** onde a sogra havia enterrado a garrafa com o Diabo dentro. Depois de muitos dias perdido no mato o pobre homem ouviu uma voz que o chamava, quase chorando:

— Meu amigo! Me tire daqui, de dentro desta garrafa, onde já estou faz mais de vinte anos!

O que o Diabo queria era a liberdade, era sair de dentro da garrafa pra tentar as pessoas. Desconfiado, o velho soldado se aproximou do lugar de onde vinha a voz e o Diabo prometeu que, se o soldado destampasse a garrafa, lhe faria todas as vontades e, de quebra, lhe daria uma fortuna tão grande que o soldado nunca mais seria pobre na vida.

O soldado cavou a terra, achou a garrafa, destampou-a. Ouviu-se, num raio de milhares de léguas, um estrondo muito grande e o cheiro de enxofre passou mais de quinze dias para desaparecer.

Manda a verdade que se diga que o Diabo cumpriu tudo quanto havia prometido, **tim-tim por tim-tim**. Cobriu o soldado de ouro, de pedras preciosas, de dinheiro, de mulheres bonitas, de um tudo. O soldado passou uns tempos maravilhado, mordendo as orelhas de tanta alegria, de tanta felicidade.

Um dia, o soldado começou a observar que o Diabo estava botando as unhas de fora, tentando as pessoas, fazendo o mal, fazendo com que as mulheres não respeitassem mais os maridos, um bocado de coisas. E o soldado, que tinha ficado bom da loucura e era até um bom homem, ficou pensando numa maneira de se ver livre do Diabo que estava fazendo muita besteira. Foi então que teve uma idéia. Aproximou-se do Diabo, que estava tirando uma madorna, e gritou:

— Lá vem tua sogra, Diabo!

Não precisou de mais nada. O Diabo deu um estouro, fedeu a enxofre, botou fogo pelas ventas e saiu numa carreira danada.

4. A SOGRA NAS LEGENDAS DE CAMINHÕES

Os pára-choques dos caminhões — verdadeiros compêndios da filosofia popular — também trazem legendas tendo a sogra como tema, legendas escritas nas noites mal dormidas, quando a comida é mal comida e a sabedoria popular resulta de tantos sonhos que se agasalham nos corações dos caminhoneiros que moram nas estradas e passeiam em casa.

Tais legendas procuram, na maioria das vezes, traduzir o que cada um caminhoneiro pensa de sua sogra.

Há os que detestam suas sogras e não perdem a oportunidade de feri-las impiedosamente:

— Sogra não é parente. É castigo.
— Sogra boa é a que já morreu.
— Feliz foi Adão, que não teve sogra, nem caminhão.
— Deus fez a mãe, mas o Diabo inventou a sogra
— Não mando minha sogra para o inferno porque fico com pena do Diabo.
— Quando sogra for dinheiro, pobre só casa com órfã.
— Sogra por sogra, boa mesmo é a da minha mulher.
— Sogra e arado só prestam debaixo do chão.
— Duas coisas matam de repente: vento pelas costas e sogra pela frente
— Pior do que coice de burro só praga de sogra.
— Sogra, milho e feijão, só debaixo do chão.
— Corro, porque minha sogra vem aí.
— Sogra é a segunda mãe, depois que morre.
— Bígamo é o pecador que paga seus pecados porque tem duas sogras.
— Sogra? Nem de barro à porta.
— Morar com sogra é fazer vestibular para o céu.

— Se sogra fosse coisa boa, Cristo não teria morrido solteiro.
— Sogra boa é maravilha, uma nora nunca é filha.
— Sogra e madastra, só o nome basta.
— A pior formiga do jardim de minha vida é a minha sogra.
— Casei-me com a cunhada para economizar sogra.

5. SOGRAS: COMES E BEBES

Mais do que insultada em várias línguas vivas e até mesmo mortas, universalmente conhecida pela maldade de suas intenções, a sogra, sem que se possa generalizar — a **cobra choca**, a **mexeriqueira**, a **caninana**, a **pára-raio**, a **espingarda-ruim**, a **besta-fera**, o **(em) borná (1) do cão**, a **abelhuda**, a **injuriosa**, a **intrusa**, a **maleitosa**, a **infeliz**, a **atiçadeira**, a **espinha-de-garganta**, além de muitos outros apelidos terríveis — sempre foi o saco de pancadas de tudo quanto foi genro mal satisfeito com suas **cara-metades**, a responsável por muitos casamentos desfeitos, a inventora dos mais variados infernos domésticos.

Sem a menor intenção/vontade de tomar partido nesta briga secular, acredito que a sogra seja uma pessoa de difícil convivência por força da impaciência própria da velhice e do ciúme que sente do genro com quem teve de repartir e ficar com a menor parte do amor e das atenções da filha. Também a sogra parece ser o resultado da prevenção dos genros que já vêem na mãe de sua esposa a figura do cão, **cagado e cuspido**.

Domesticar uma sogra é tarefa mais do que difícil, dizem os genros sofredores. Mas o nordestino encontrou uma solução para o problema que consiste no uso da cachaça, mas somente quando a velha gosta de **molhar-a-goela** com a **água-que-passarinho-não-bebe**. Daí a cachaça **Amansa Sogra**, de procedência cearense, que traz, no próprio rótulo, como deve ser usada:

"De 1 a 3 cálices, tolera
De 3 a 5 cálices, abranda
De 5 a 10 cálices, domina a sogra."

É conveniente explicar que nem toda sogra é o cão, uma megera, inimiga do genro, má pessoa, criadora de situações difíceis no lar de qualquer cristão. Neste mundo vamos encontrar de um tudo. O bom filho e o mau filho. A boa esposa e a má esposa. O bom marido e o mau marido. E, também, a sogra má e a boa sogra. É esta a razão pela qual a sogra está ligada a algumas iguarias — poucas, é verdade — porque talvez por serem poucas, também, as boas sogras.

Dona Alice Pinto, do Recife, nos ensina a fazer o

BEIJO DE SOGRA

Ingredientes: 1 copo de leite de vaca, 250 gramas de açúcar, 500 gramas de farinha de trigo, 2 colherinhas de fermento em pó, 1 colher de sopa bem cheia de manteiga, 1 xícara de queijo-do-reino ralado e 3 ovos.

Modo de fazer: Bata a manteiga com o açúcar, colocando as gemas uma a uma, batendo sem parar. Junte, então, o leite, o queijo, as claras batidas em neve firme e, por último, a farinha com o fermento. Forma untada com muita manteiga.

Encontrei, entre meus guardados, não sei quem me deu ou se copiei de algum livro de arte culinária esta receita de

OLHO DE SOGRA

Ingredientes: 500 gramas de açúcar, metade de um coco ralado, 10 gemas, 1 quilo de ameixas pretas, açúcar de confeiteiro, canela em pau.

Modo de fazer: Faça uma calda em ponto de fio grosso com o açúcar e meio copo d'água. Reconhece-se o ponto tal como fio brando, só que o fio fica um pouco mais grosso. Logo que estiver pronta, tire do fogo e espere amornar. A parte, misture as gemas com o meio do fogo e espere amornar. À parte, misture as gemas com o meio coco ralado, junte essa mistura à calda já morna e torne a levar ao forno. Mexa com colher de pau, até que se despregue do fundo da panela. Espere

esfriar. Mergulhe as ameixas em água quente, para amaciá-las, depois descaroce-as, abrindo-as pelo lado. Rechei-as com a massa que preparou, passando-as em seguida por açúcar de confeiteiro. Querendo, pode passá-las em calda feita com água e açúcar em ponto de quebrar, para ficarem brilhantes. O ponto de quebrar se conhece quando, pegando um pouco da calda que ainda está no fogo, se coloca na água fria. Se estalar, aperte-as com os dedos. Se quebrar, está no ponto. Rechear as ameixas e passá-las no açúcar cristal.

Já dona Myrosllawa Cabral Bezerra Tocachelo, de Anápolis, Goiás, recolheu esta receita de

PUDIM DA SOGRINHA

Ingredientes: 2 pãezinhos pequenos (50g), meio litro de leite, 3 ovos, 7 colheres de sopa de açúcar, 50 gramas de queijo ralado, 1 colher de chá de maizena.

Modo de fazer: Retire a casca mais grossa dos pães, corte em pedaços e coloque no liquidificador com todos os outros ingredientes. Bata até obter um creme ralo mas bem homogêneo. Deite em forma de pudim caramelado e leve ao banho-maria até estar firme e crescido.

O caramelo que untar a forma de pudim deve ser feito assim: Ingredientes: 6 colheres de sopa de açúcar cristalizado e 4 colheres de água.

Modo de fazer: Ferva o açúcar com a água até chegar ao ponto de caramelo. Não mexa enquanto o ponto estiver se formando. Cubra a forma e utilize.

Na década de 50, as **vendas** de algumas cidades do Nordeste costumavam vender um biscoito popular, compridinho, gostoso, feito com massa de mandioca, chamado **língua-de-sogra**. Infelizmente não consegui encontrar a receita, o que é uma pena.

Dona Denise Wanderley Cadete, do Recife, encontrou, nos velhos manuscritos de arte culinária de sua família, esta receita de BOLO DE SOGRA, também conhecido como BOLO SATÃ ou BOLO JARARACA ou BO-

LO VENENO ou BOLO ESCORPIÃO, que é muito gostoso: Ingredientes da massa: 18 ovos, 1 pacote e meio de fécula, 3 xícaras (de chá) de açúcar, 1 e ½ colher (de sobremesa) de fermento em pó, 3 colheres (de sobremesa) de caldo de limão. Ingredientes do recheio e cobertura: 2 xícaras (de chá) de geléia de damasco, 2 xícaras (de chá) de creme chantilly, 250 gramas de nozes moídas (pesadas já sem casca), cerejas em calda ou morangos frescos. Outro recheio: 1 xícara de **baba de moça**.

Modo de fazer: Bata as claras em neve. Junte as gemas uma a uma, batendo sempre. Acrescente o açúsar peneirado, pouco a pouco, sem parar de bater. Adicione a fécula de batata e, por fim o caldo de limão e o fermento. Misture sem bater. Despeje essa mistura em três formas untadas e forradas com papel impermeável também untado com manteiga ou margarina. Asse em forno moderado. Deixe esfriar. Corte os três bolos ao meio horizontalmente, obtendo, assim, seis partes Una essas partes com camadas alternadas de geléia de damascos, creme chantilly misturado com nozes moídas e o outro de **baba de moça** ou seja: uma parte do bolo, uma camada de geléia, outra metade do bolo, uma camada de chantilly com nozes, bolo, **baba de moça,** bolo, geléia e assim por diante. Por último, cubra com chantilly e enfeite com cerejas ou morangos. Se quiser, antes de rechear, pode umedecer as camadas de bolo com rum e substituir o creme chantilly de cobertura por um glacê feito assim: 3 claras, junte aos poucos 400 gramas de açúcar de confeiteiro com suco de meio limão e uma colher (de sobremesa) de maisena.

Comendo tanta coisa gostosa toda sogra vira um anjo.

6. SOGRAS & HUMOR

1. O dono da casa não agüentava mais a presença da sogra. Não é que ela fosse má pessoa; até ajudava nos serviços domésticos, sabia o remédio certo para os meninos quando eles adoeciam. Mas é que dona Filó gostava de mandar e sempre ficava ao lado da filha de qualquer maneira, com ou sem razão. O jeito que ti-

nha era encontrar um motivo para que a sogra deixasse a casa, sem barulho, tudo na santa paz.

Um dia, o dono da casa chegou da repartição, sentou-se na cadeira de balanço, abriu e fez que estava lendo o **Diário Oficial**. Passados alguns minutos, virou-se pra mulher e disse:

— É danado! Dona Filó vai ter que nos deixar. Imagine você, minha filha, que o governo acaba de baixar um decreto dizendo que as sogras que morarem com os genros ficarão obrigadas a dormir com eles pelo menos uma vez por mês!

A mulher, resmungou:

— Rum-rum...

A sogra, que estava atenta às explicações do genro, foi logo respondendo, toda animada:

— Rum-rum coisa nenhuma! Se é lei, cumpra-se!

2. O Dr. Baltazar oferecia uma recepção aos amigos no jardim de sua residência, sob frondosas árvores onde foram colocadas mesinhas e cadeiras. A festa estava bem animada quando um dos convidados passou a elogiar uma árvore quase secular sob a qual estava colocada a mesa do dono da casa e dos amigos mais íntimos:

— Esta árvore tem uma estória, meu amigo! Foi num desses galhos que minha sogra se enforcou...

O Menezes, que também tinha sogra em casa e já estava com as medidas cheias, não perdeu a oportunidade. Chegou-se bem pra perto do dono da casa e segredou-lhe, ao ouvido:

— Me arranja um galhinho pra plantar lá em casa...

3. — Quer saber de uma coisa? Resolvi nunca mais beber...

— Não diga! E por que essa resolução tão rápida?

— Ontem, quando cheguei em casa, vi minha sogra em duplicata... Uma só já é demais...

4. O Dr. Esmeraldino seguia pela Rua Direita, em companhia de Léllis, quando avistou o Hércules, ao longe: — Depressa... entremos aqui. Lá vem o Hércules.

— Mas que pavor é esse, homem? Você matou alguém da família do Hércules?

— Não; salvei-lhe a sogra...

5. — Mas "seu" Carlos. Você parece que hoje tomou os médicos por conta?

— É que estou revoltado contra a classe...

— Por quê?

— Já me salvaram a sogra seis vezes neste ano...

6. — Não vais ao enterro da tua sogra?

— Não, não posso; estou de serviço, e sabes que minha divisa sempre foi: obrigação antes da diversão.

7. O genro, depois de brigar com a sogra:

— Não, minha "querida". Eu não mataria a senhora. Iria para o inferno por toda a eternidade e ali me encontraria com a senhora.

8. — João, toma estes vinte cruzeiros e vai à estação buscar a minha sogra.

— E se não a encontrar?

— Dar-lhe-ei outros vinte cruzeiros.

9. A sogra — Você é uma ladra.

A nora — E a senhora é uma feiticeira.

A sogra — Sim, sou feiticeira, pois adivinhei o que você é.

10. Dois canibais batem papo enquanto almoçam. Diz um deles:

— Detesto a minha sogra.

— Esqueça-se dela — sugere o outro. — Coma só o macarrão.

11. Minha sogra, será que o fumo do cigarro a incomoda?

— Não, Raimundo.

— Pois, então, não fumo.

12. A sogra diz, furiosa:

— Se você fosse meu marido, logo no primeiro dia do casamento eu teria dado veneno a você.

— E eu teria tomado com o máximo prazer — responde o genro muito calmo.

13. Ao morrer, o homem tentou ir para o céu, mas São Pedro declarou:

— Seu lugar é no inferno.

— Essa, não, São Pedro. Para casa de minha sogra, eu não volto.

14. Numa roda de amigos, no Café Globo, o assunto era a ruindade das sogras; cada qual dizia qualquer coisa de sua sogra. Quintino (Cunha) então explicava:

— Casei três vezes. A primeira sogra foi um cordeiro (era casada com o Cel. Carneiro). A segunda era um anjo! (A sogra do segundo matrimônio era casada com Mestre Ângelo). Mas a terceira, meus amigos, é uma serpente!

Surpresa geral, espanto de todos. Quando o poeta completou maravilhosamente:

— Porque é filha de Cascavel!

15. Quando o Quintino ficou viúvo pela segunda vez, pediu a Dona Francisquinha Acetti, sua sogra, a cunhada Maria de Lourdes em casamento. Houve um certo silêncio na resposta. Perguntaram-lhe então por que queria casar-se com uma cunhada, ao que o poeta respondeu:

— Para fazer economia de sogra!...

16. Aquele telegrama dizia: "Sua sogra morreu. Devemos enterrar ou incinerar o corpo?"

— As duas coisas, para evitar dúvidas — foi a resposta.

17. — Uma sogra ia passando por trás de um cavalo. Recebeu forte coice e morreu. Ao enterro compareceram muitos homens. Um amigo da falecida aproximou-se do genro desta e lhe disse:

— Puxa, sua sogra tinha muitos amigos!

— Você está enganado. Esses homens querem é comprar o cavalo que a matou.

18. — Mas quando se declarou aquele incêndio em sua casa, o senhor bem que se lançou entre as chamas para salvar sua sogra.

— Ora! É que, em um caso destes, a gente nem sabe o que faz...

19. Ele chega tarde de viagem e, no escuro, excitadíssimo, começa a **transar** com a mulher. Ela também está mais fogosa do que nunca. Acabam **transando** duas vezes seguidas. Daí a pouco ele se levanta, vai ao banheiro e encontra a mulher tomando banho:

— Ué, você não estava na cama?

— Não, quem está dormindo lá é minha mãe.

Horrorizado, ele conta que acaba de ter relações com a sogra. Ela corre para o quarto:

— Mamãe, você viu o que aconteceu?

— Pois é...

— E você não falou nada?

— Eu não falo com esse sem-vergonha há quinze anos, por que iria falar hoje?

20. Dois professores conversavam:

— Conheço duas línguas que nenhum poliglota é capaz de dominar.

— E quais são elas?

— A língua da minha sogra e a da minha mulher.

BIBLIOGRAFIA

F.R.I.L.E.L. **Adágios, Provérbios, Rifãos** e **Anexins da Língua Portuguesa**. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841.

GOMES, Manuel João. **Nova recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses**. Lisboa: Edições Afrodita, 1974.

LAMENZA, Mário. **Provérbios**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1950.

MASUCCI, Folco. **Dicionário Humorístico** (2ª ed.). São Paulo: Edições Leia, 1958.

MOTA, Ático Vilas Boas da. **Provérbios em Goiás**. Goiânia: Oriente Editora, 1974.

MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião** (2ª ed.). Fortaleza: Imprensa Universitária, 1967.

————————. **Sertão Alegre** (2ª ed.). Fortaleza: Imprensa Universitária, 1967.

————————. **Adagiário brasileiro**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1982.

SEREJO, Hélio. **Abusões de Mato Grosso e de outras terras**. São Paulo: 1976.

VASCONCELOS, Roberto Pereira de. **Anedotas sobre polícia e justiça**. Rio de Janeiro: 1953, nº 11.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O BOATO E O BOATEIRO

Notícia anônima que corre publicamente sem confirmação, **falaço, rumor, zunzum,** o **boato** — o **rumeur** dos franceses, a **diceria** dos italianos, o **hearsay** dos ingleses, o **pliótke** dos israelitas, o **rumor** dos espanhóis, o **burucht** dos alemães — tem a idade do Mundo, porque a boca, desde os primeiros homens primitivos, foi, durante muitos séculos, o único meio de comunicação. Os acontecimentos de qualquer natureza, como guerras, epidemias, bodas reais, eram transmitidos oralmente por intermédio dos aventureiros e também dos poetas que, de castelo em castelo, de vila em vila, de cidade em cidade, contavam, cada qual à sua maneira, o que acontecia nos lugares por onde passavam. E a oralidade de uma notícia dependia — e ainda hoje ainda depende — da honestidade e da imaginação do agente comunicador.

Ninguém pode precisar, com exatidão, a origem do **boato,** porque ninguém pode mencionar um **boato** milenar ou mesmo secular, uma vez que, quando propalado, além de circular em universo muito menor, não se tinha, ainda, nenhum meio de comunicação escrito, em virtude de Gutenberg só haver inventado a imprensa muitos séculos depois. Usado por todos os povos, o **boato** continua atuando como uma forma alternativa de comunicação oral, apesar de o jornal, o rádio e a televisão haverem revolucionado a divulgação da notícia.

Faz-se necessário que se estabeleça, logo de início, a diferenciação existente entre **boato** e o grupo que associa o **fuxico,** o **mexerico** e a **fofoca**. Muito embora tenham, entre si, alguma coisa em comum, tais rumores, em sua essência, são inteiramente diferentes no significado próprio de cada um. Todos — o **boato,** o **mexerico,** o **fuxico,** a **fofoca** — primam pela autoria desconhecida, significando a notícia, sem confirmação, de uma intriga,

de um evento qualquer ocorrido num universo restrito. Já o **boato,** também de autoria desconhecida, tendo às vezes a intriga como fundamento, é, na maioria das vezes, uma notícia flutuando num universo de maior amplitude, chegando, assim, ao conhecimento de maior número de pessoas porque chega mesmo a ser veículado através da imprensa, do rádio e da televisão.

Participando de um universo que aglomera todas as atividades humanas, o **boato** é incontrolável e, quando atinge determinada pessoa, essa pessoa sofre suas conseqüências até o fim de seus dias. Se correr o **boato** de que determinada pessoa, conhecida estadual, regional ou nacionalmente, é dada à prática de inversões sexuais, nunca mais essa pessoa consegue se livrar da pecha que lhe foi imposta pela maldade de alguém. Circula, então, o **contra-boato,** que é um outro **boato** que tem a finalidade de desfazer o **boato** inicial: não, a pessoa não pode ser um **veado,** pelo simples fato de ser casado e ter dois ou até mesmo mais filhos. Mas a maledicência ainda não pára aí: acontece que os filhos não são da vítima do **boato,** mas da ligação que sua mulher tem com um amigo do casal... Ou os filhos são mesmo da vítima que é **gilete,** isto é, corta dos dois lados, exercendo tanto a pederastia passiva como a ativa.

Na política brasileira, o **boato** é uma constante, através da oralidade tradicional ou das páginas dos jornais e dos noticiários da televisão. O avião que conduzia Marcos Freire, Ministro da Reforma Agrária, e sua comitiva, foi preparado para expoldir, por iniciativa dos grandes proprietários de terra. O presidente Tancredo Neves não teve morte natural. Getúlio Vargas não cometeu o suicídio; foi assassinado.

E os **boatos** econômicos? Cada brasileiro vai ter que pagar, mensalmente, através de uma parcela de seu salário, a dívida externa brasileira. Uma fábrica de leite em pó diz que tal produto, de outra marca que não a sua, está contaminado pela radiotividade, visando, o **boato,** fazer com que a outra marca adormeça nas prateleiras dos supermercados.

E os **boatos** desportivos? Piquet vai deixar de correr em virtude de um problema na coluna. Zico não vai ficar bom do joelho. O Flamengo está financeiramente

falido, sem ter com que pagar seus jogadores e por haver contraído muitas dívidas.

Acontece que o povo acredita muito em **boato**. É a própria sabedoria popular que comprova a veracidade da afirmativa quando diz que "a voz do povo é a voz de Deus", e "o que o povo diz é ou está para ser".

Mas não é todo mundo que gosta de propalar **boatos**. Pessoas há que têm uma queda, uma vocação toda especial de **boateiro** legítimo, que têm imaginação fértil e vivem no seu mundo de mentira e de faz-de-conta. Mas o **boateiro** pior é o que propala o **boato** com a finalidade de denegrir o caráter de uma pessoa, macular sua honra, por inveja, por conveniência própria.

O **boateiro** folclórico é o personagem desta estória que me foi contada por um amigo, estória ouvida de seu pai, já falecido.

Havia, numa cidade do Ceará, um **barbeiro** (o **barbeiro,** nas cidades do interior, é o homem mais informado e que sabe de tudo que acontece na cidade, o que lhe dá condições de **boateiro** em potencial) que levava a vida trabalhando na sua arte, cuidando de sua família, fazendo amizades. De tanto ouvir estórias, da parte de seus fregueses durante mais de vinte anos, sua imaginação extrapolou do normal, tornando-se extraordinariamente fértil. Começou exagerando nos números. Se ia a uma festa, mesmo de uma pequena vila, a festa tinha mais de cem mil pessoas. Num desastre de automóvel, narrado por ele, morria um número de pessoas maior do que o veículo era capaz de conduzir. As chuvas caíam durante no mínimo, dez horas. Os relâmpagos tinham a claridade de cinco a dez minutos...

Enquanto nosso amigo era mentiroso, ia tudo muito bem. Passado algum tempo o mentiroso cansou de ser mentiroso e resolveu ser **boateiro,** propalando boatos envolvendo famílias, o padre do lugar, o chefe político. Apanhou, foi preso diversas vezes e comeu o pão que o Diabo amassou. Mas aí é que ele se achou mais importante. De um simples barbeiro passou a ser alvo de conversa na praça, no salão de bilhar, na calçada da farmácia, e o povo passou a acreditar nele porque as coisas que ele boatava às vezes aconteciam, como o

namoro do promotor com a mulher do juiz, a estória do padre que foi flagrado beijando uma moça na sacristia.

O delegado do lugar já estava por conta e não tinha mais o que fazer. O **boateiro** já tinha três processos nas costas e umas dez entradas na Cadeia Pública. Estava se tornando um herói. Até a oposição ficou a seu lado. O **boateiro** era o maior problema municipal.

Na última vez que o **boateiro** foi preso, o delegado, que assistia a muitos filmes na televisão, determinou que ele enfrentasse um pelotão de fuzilamento. Num instante a notícia correu a cidade que, em peso, se postou em frente da cadeia, aguardando os acontecimentos. A oposição telegrafou ao Presidente da República e ao Governador protestando contra a aplicação da pena de morte, "medida ainda não existente na Carta Magna do povo brasileiro". A rua da cadeia fervilhava de gente.

Na hora do fuzilamento, o sino da igreja badalava, enchendo a cidade de tristeza.

De olhos vendados, o **boateiro,** com as mãos atadas, foi conduzido, no melhor estilo de Hollywood, até o pátio da Cadeia. O delegado deu as ordens:

— Em posição!
— Preparar!
— Foooogo!

E seis tiros foram ouvidos. Estupefacto, o **boateiro** custou a acreditar, mas chegou à conclusão de que estava vivo. O delegado cortou as cordas que lhe amarrava os pulsos, retirou a venda e falou:

— Olhe, seu **merda**. Desta vez os soldados atiraram com **festim**. Se o senhor voltar a espalhar **boato** novamente eu usarei bala de verdade. Vá embora e veja como anda.

O barbeiro saiu mais depressa do que imediatamente e na rua o povo gritava sem cessar:

— Viva seu Pedro!

Recebido pelo Diretório da oposição, seu Pedro segredou bem baixinho ao coronel Fagundes:

— Seu coronel, eu nunca pensei que a situação do País fosse tão grave. Nós estamos à beira da falência. Calcule o senhor que não temos nem mais dinheiro para comprar balas de verdade!...

FOLCOMUNICAÇÃO DO NAMORO
A MODA ANTIGA

Era um tempo aquele, ainda não de todo perdido na lembrança, em que os meios de comunicação, a serviço dos mais diversificados universos sociais. se resumiam em alguns poucos jornais e revistas que demoravam muito a chegar às mãos de seus leitores, habitantes de longínquas cidades e vilas servidas por um correio que usava o lombo de burros para poder cumprir sua missão. É que os jornais só circulavam a contento apenas nas capitais. As revistas, por sua vez, em número ainda menor, tinham poucos títulos, entre os quais constavam O MALHO, A CARETA, A REVISTA DA SEMANA, VIDA DOMÉSTICA, A CENA MUDA e O TICO-TICO, que era a única revista infantil existente na época, lida não somente pelas crianças como até mesmo por adultos, como Rui Barbosa, considerado como um dos brasileiros mais cultos de seu tempo. Apesar de os jornais e revistas contarem com insignificante número de leitores, face ao elevado percentual de analfabetos existente na zona rural — quem lia jornal e revista no interior eram apenas o Juiz, o Promotor, o Médico, o Prefeito, a Professora Estadual, o Coletor e alguns comerciantes e fazendeiros. Quando as pessoas importantes do lugar, a trato de seus negócios ou por força de qualquer um outro motivo, enfrentando dias de viagem cavalgando seus bonitos cavalos **rudados** (1), vinham à capital, costumavam levar o último número da VIDA DOMÉSTICA para a esposa e bombons para os filhos.

Afora os jornais e as revistas, outros meios de comunicação como o telefone, o rádio e a televisão só existiam no maravilhoso mundo do faz-de-conta de Júlio Verne ou de Leonardo da Vinci.

E como era o amor, quando ainda não existiam os modernos meios de comunicação?

O amor, no mundo patriarcal de nossos bisavós, não passava de mera figura de retórica. E tanto era as-

sim que os filhos, logo quando nasciam, eram prometidos aos filhos de parentes ou amigos, valendo como principalidade o grau de parentesco e de amizade ou até mesmo de interesses puramente econômicos. O amor, mesmo, não contava; não era levado em consideração; não passava de um sentimento piegas de pessoas fracas e pobres de espírito. Feito o trato, a sorte de um homem e de uma mulher estava selada. Eles teriam que casar, mesmo que não se amassem e não tivessem, como acontecia na maioria das vezes, atingido a maioridade.

Vale a pena registrar, simplesmente como uma ilustração do que foi alegado, o que aconteceu com Antônia Nogueira de Araújo, residente em Triunfo, Pernambuco, que, aos treze anos de idade, para cumprir a palavra de seu pai, casou com Silvério Ângelo de Araújo, de cuja união nasceram treze filhos, partindo do princípio de que a missão da mulher no mundo era somente procriar, cuidar dos filhos, cozinhar, costurar e fazer outras coisas que caracterizavam sua profissão conhecida como "de prendas domésticas". Mesmo assim, sem gostar do marido a ponto de chamá-lo de "o homem", ela lhe foi fiel durante todos os noventa e dois anos de sua vida (2).

Já no tempo de nossos pais o amor começou a percorrer novos caminhos, a descortinar outros horizontes, a deixar de ser considerado como um sentimento piegas, coisa mais de mulher, próprio dos fracos, para se tornar uma força maior que, como a fé, também é capaz de remover montanhas, de vencer grandes obstáculos.

E o que acontecia com os namorados da época, já mais ou menos com o direito de livre escolha, mas ainda vivendo numa sociedade bastante rígida, onde as mulheres, muitas delas, só aprendiam a ler e nunca a escrever que era para não mandarem bilhetes para os namorados. Como é que os jovens se comunicavam e se encontravam sempre às escondidas do pai **durão,** ou com a conivência da mãe e das tias um tanto ou quanto complacentes?

O namoro só acontecia nas missas dominicais, nas noites de mês de maio, nos circos, quando, uma vez perdida, apareciam na cidade. Na festa da padroeira;

nas noites de São João, nas cerimônias religiosas da Semana Santa. Depois que passavam tais eventos, os namorados passavam a comer o pão que o diabo amassou, sem quase mais nenhuma oportunidade para se encontrarem, trocarem juras de amor, para roubarem ou deixarem ser roubados beijos com muita paixão e bem-querer e continuarem a viver seu sonho romântico.

E como os namoros eram à distância, os jovens com mais criatividade sempre encontravam um meio de burlar a vigilância exarcebada dos pais, sabedores que eram do perigo gerado pelos violentos impulsos do amor.

Bilhetes eram trocados, desde que os namorados contassem com a cumplicidade de alguém, de uma amiguinha, de uma tia que houvesse ficado no **caritó** (3,5), ou mesmo de alguma mãe que fingisse não perceber o que estivesse acontecendo ao seu redor. Mas, quando tais meios de comunicação não fossem possíveis em virtude de os pais não concordarem, de nenhuma maneira, com o namoro, a inventiva passava a ser trunfo no jogo do amor. O jeito que tinha era recorrer ao telégrafo dos namorados, isto é, à maneira de se comunicarem à distância, entre si, através de gestos.

E é sabido que o gesto "é anterior à palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da voz. As áreas do entendimento mímico são infinitivamente superiores às da comunicação verbal". E "a mímica não é complementar mas uma provocação do exercício da oralidade. Sem gestos, a palavra é precária e pobre para o entendimento temático. Antes das interjeições verbais a mão traduzia a mensagem útil" — ensina Luís da Câmara Cascudo, que acrescenta: "O gesto é a comunicação essencial, nítida, positiva. Não há retórica mímica, apenas reiteração da mensagem. Essa limitação recorda o inicial uso entre os seres humanos, quando o metal era pedra e a caverna abrigava a família nas horas da noite misteriosa. Cascudo finaliza seu ponto de vista como o Mestre que sempre foi: "A palavra muda. O gesto, não."

No telégrafo dos namorados — que era nada mais e nada menos do que a folcomunicação (4) do namoro à moda antiga — os gestos tinham participação total; sem eles, o telégrafo seria até mesmo inexistente.

Vejamos como funcionava o telégrafo dos namorados, como é que eles conseguiam transmitir, à pequena distância e usando gestos, suas mensagens de amor:

1. PEGAR NO QUEIXO. Além de significar uma saudação entre os gregos clássicos, o gesto transmitia, à mulher amada, a seguinte mensagem: "Você é linda como uma flor! Eu te amo".
2. BOTAR A MÃO NOS OLHOS: "Eu choro de saudade .."
3. MORDER OS LABIOS: Dê-me um beijo!"
4. ESTALAR OS DEDOS: "Tem barulho lá em casa!".
5. CUSPIR E PISAR O CUSPE: "Não venha agora que papai ainda está em casa!"
6. TIRAR O PÉ E TORNAR A CUSPIR: "Venha amanhã, às mesmas horas".
7. BOTAR AS MÃOS NOS PEITOS: "Nosso amor foi descoberto!"
8. RODAR UM ANEL NO DEDO: "Tenho ciúme de você..."
9. ENCRUZAR OS DEDOS E MOSTRA-LOS AO NAMORADO(A): "Dane-se! Não quero saber mais de você!"
10. MOSTRAR UM GALHO DE UMBUZEIRO: "Só gosto de você até janeiro".
11. BOTAR A PERNA DIREITA POR CIMA DA ESQUERDA: "Não sei o que faça para lhe vencer..."
12. PEGAR NA PONTA DA ORELHA: "Tenho um bilhete para você". Este gesto passou a significar, muitos anos depois: a) "Você é daqui!", isto é, muito bonito(a)!"; b) "Você é da pontinha!", isto é, você é muito bonito(a)!".
13. MOSTRAR UM LIVRO FECHADO: "Seu amor é um mistério que eu ainda não compreendo".
14. ACENAR COM UM LENÇO BRANCO: "Quero lhe dizer o que sinto e não posso".
15. MOSTRAR UM BOTÃO DE ROSA E BEIJA-LO: "Você é muito linda!"
16. MOSTRAR DOIS BOTÕES DE ROSA UNIDOS COM UM LACINHO DE FITA VERDE: "A nossa união será muito em breve". A cor verde sempre simbolizou a esperança. Somente quando verde é a cor

dos olhos a conotação é diferente, de vez que a mulher de olhos verdes, na sabedoria popular, é a que é capaz de enganar.

17. TIRAR O CHAPÉU E LIMPAR A TESTA COM UM LENÇO: "Ando desconfiado de você". A testa é o local onde nascem os **chifres,** os cornos de quem é traído.
18. TIRAR DUAS VEZES O CHAPÉU: "Não se esqueça de mim!".
19. DEIXAR CAIR O LENÇO: "Cumpra o que prometeu".
20. PASSAR A BENGALA DA MÃO DIREITA PARA A MÃO ESQUERDA: "Não sei o que fazer para lhe agradar".
21. MOSTRAR UM CRAVO ENCARNADO: "Hei de vencer todas as dificuldades, ainda que com os maiores sacrifícios". A cor vermelha simboliza sangue, luta.
22. MOSTRAR UM CRAVO BRANCO: "Tenho uma única ambição neste mundo que é gozar do seu amor". A cor branca sempre simbolizou a paz, o amor. As noivas casam de branco. A bandeira branca nas batalhas, simboliza a paz, interrompendo as guerras.
23. OFERECER UMA MAÇÃ: "O que eu quero, não gozo, não posso". A maçã, segundo a sabedoria popular, é o símbolo do amor completo. No paraíso terrestre simbolizou a desobediência. Adão e Eva foram expulsos do Paraíso Terrestre por haverem comido a maçã, o fruto proibido.
24. OFERECER UMA TANGERINA: "O nosso amor está descoberto".
25. MOSTRAR UMA SAUDADE UNIDA A UMA SEMPRE-VIVA: "O nosso amor foi descoberto".
26. MOSTRAR UMA CARTA: "Quero lhe dar uma prova de minha paixão".
27. RASGAR UM PEDAÇO DE PAPEL: "Estou desesperado e com ciúme de você". Rasgar é desfazer, é romper. Rasgar um tratado é romper as relações diplomáticas com um País. Daí, o desespero e o ciúme poderem até causar o rompimento de um

amor, ato simbolizado pelo fato de o namorado rasgar um pedaço de papel.

28. MOSTRAR UMA LUVA BRANCA: "Não tenho receio que você fique de mal comigo". Novamente temos o branco simbolizando a paz.
29. MOSTRAR UMA PENA: "Desejo voar até seus braços e não posso". A pena, deve ser de ave, simbolizando, assim, o vôo.
30. MOSTRAR UM RELÓGIO: "Não agüento mais esperar tanto tempo..." A simbologia desta comunicação está patente. O relógio marca e mede o tempo.
31. ENDIREITAR A GRAVATA: "A vida sem seu amor é um inferno". Uma gravata apertada sufoca, não deixa a pessoa respirar. Torna a vida um inferno, sem ar.
32. ABOTOAR O PALETÓ: "Eu lhe respeito muito". Desabotoar o paletó é o começo do ato de quem vai se despir, de faltar com o devido respeito.
33. MOSTRAR UM LAÇO DE FITA COR DE ROSA: "Quando é que poderei falar com você?"
34. MOSTRAR UMA CHAVE: "Hei de vencer todos os obstáculos". Simbolicamente, a chave abre todas as portas e é o meio de resolver todos os problemas, vencer todos os obstáculos.
35. MOSTRAR UM ENVELOPE DOBRADO: "Não!"
36. MOSTRAR UM PALITO: "Preciso mandar um recado e preciso de um portador". O palito deve ser um palito de dente. Os dentes estão na boca. A boca fala. E manda o recado.
37. MOSTRAR UM CHARUTO: "O seu amor é como o fumo", que não tem consistência, que foge à realidade como o sonho, como a fumaça de um charuto.
38. MOSTRAR A CORRENTE DO RELÓGIO: "Quero os seus cabelos". Só poderemos avocar uma simbologia para esta comunicação se os cabelos da namorada forem encaracolados, como os elos de uma corrente.

E como é que os namorados transmitiam, pelo telégrafo do amor, os dias da semana quando queriam marcar seus encontros?

O **Dicionário das flores, folhas e frutos**, de autor desconhecido, cuja sétima edição foi publicada em 1948 pela Livraria H. Antunes, do Rio de Janeiro, ensinava não somente a transmitir os dias da semana como até mesmo as horas do dia e da noite.

Para transmitir os dias da semana eram usados pequenos pedaços de fitas de cores diferentes:

Fita BRANCA: segunda-feira
Fita AZUL: terça-feira
Fita VERDE: quarta-feira
Fita AMARELA: quinta-feira
Fita ROXA: sexta-feira
Fita ENCARNADA: sábado
Fita CINZA: domingo.

E as horas? Como é que os namorados transmitiam as horas de seus encontros? As horas eram transmitidas por intermédio das flores:

1 hora : rosa sem folhas
2 horas : baunilha
3 horas : rosa branca
4 horas : cravo encarnado
5 horas : resedá
6 horas : cravo rajado
7 horas : dália
8 horas : flor de laranja
9 horas : rosa amarela
10 horas : flor de laranjeira
11 horas : violeta
12 horas : amor-perfeito.

Se o horário transmitido dissesse respeito à manhã, juntava-se às flores um galhinho de alecrim. Mas se o horário marcado tivesse lugar à noite, o galhinho de alecrim deveria ser substituído por outro de mangericão miúdo.

Tenho minhas dúvidas quanto à praticidade deste código que só seria de todo possível se as flores componentes tivessem um ciclo vegetativo perene.

No caso de a praticidade ser possível, se um namorado desejasse marcar um encontro para as nove horas da manhã de uma quinta-feira, ele teria que mostrar a sua namorada uma rosa amarela com um galhinho de alecrim, amarrados com uma fita também amarela.

No caso em que o encontro tivesse que ser realizado às nove horas da noite, a rosa e a fita continuariam a ser amarelas, mudando o galho de alecrim para um galho de mangericão miúdo.

De todos os meios de comunicação usados pelos namorados até nas primeiras décadas do século, o que me pareceu mais prático foi o que encontrei no **Dicionário das flores, folhas e frutos,** designado como **telégrafo amatório,** o único que permitia uma conversação demorada mas precisa, usando-se apenas as mãos, pondo-se de lado flores, folhas, galhinhos, fitas, etc.

Vejamos, agora, como é que funcionava o telégrafo amatório, que dispunha um gesto para transmitir cada letra do alfabeto:

A — a mão direita sobre a cabeça
B — a mão direita amparando a testa
C — os três dedos da mão direita sobre a fronte direita
D — os dois dedos da mão esquerda sobre o olho direito
E — o indicador sobre o nariz
F — a mão esquerda no rosto
G — os dois dedos da mão direita tocando os lábios
H — a mão direita no queixo
I — a mão direita na orelha direita
J — a mão esquerda na orelha esquerda
L — a mão esquerda no ombro direito
M — a mão direita no ombro esquerdo
N — cruzar os braços sobre o peito
O — a mão direita no coração
P — unir as mãos
Q — a mão direita aberta

R — mostrar dois dedos da mão direita
S — mostrar dois dedos da mão esquerda
T — mostrar três dedos da mão direita
U — mostrar três dedos da mão esquerda
V — mostrar quatro dedos da mão direita
X — mostrar quatro dedos da mão esquerda
Y — a mão esquerda fechada.

O **Diccionário** não ensinava a transmitir a letra **Z**, não sei por qual motivo...

Suponhamos que um rapaz quisesse dizer a uma moça: AMO-TE. Estava longe dela e não lhe podia falar de perto. O que devia fazer?

O apaixonado devia proceder da seguinte maneira: "Pôr a mão direita sobre a cabeça (A), a mesma mão sobre o ombro esquerdo (M), ainda a mesma mão sobre o coração (O), depois mostrar três dedos da mão direita (T) e, finalmente, o dedo grande da mão direita sobre o nariz (E)".

Era assim que os namorados se comunicavam naquele tempo, fazendo suas juras, marcando seus encontros, vivendo seu romântico amor. Era muito difícil, mas também muito bonito.

NOTAS

1. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no seu **Novo dicionário da língua portuguesa** (1ª ed., 7ª impressão), não destinou um verbete ao vocábulo **rudado**. Termo bastante usado no Nordeste, fomos encontrar sua significação no **Vocabulário pernambucano** (2ª ed.) de Pereira da Costa: "Cavalo branco escuro, com manchas mais escuras, carregadas, apatacadas e, segundo a sua variedade, rudado vermelho, cardão e roxo". Moraes registra **rodado,** cavalo ruço rodado que "tem malhas circulares ou pintas redondas". Mas Aurélio Buarque de Holanda Ferreira registrou, em verbete, a palavra **rodado:** "Diz-se do cavalo que tem pêlo branco e preto, formando esta cor malhas redondas": "Iam no caminho do fio pervagando, os três montados, no baio, no rosilho e no **rodado**". Sarney, José. **Norte das águas**. São Paulo, Livraria Martins Editora S. A., 1969, pág. 19. "Esta acepção,

muito corrente no NE do Brasil, é antiquada em Portugal, e em tal sentido a palavra é pronunciada, talvez no Brasil inteiro, com **o** reduzido, ou seja, com o som muito aproximadamente, de rudado".

2. Depoimento de Maria Aparecida Lopes Nogueira, pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife.

3. Diz-se que a moça fica no **caritó** quando ela não consegue encontrar um marido, quando fica solteirona. São usadas, também, expressões populares com o mesmo significado como **ficar para titia, ficar na peça, ficar no barricão**. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (ob. cit.) registra a expressão **ficar no caritó**. Pereira da Costa (ob. cit.) registra, também, **ficar na peça, ficar p'ra tia**. E o que é **caritó?** Explica Pereira da Costa: "Lugar escuro, onde se reúne gente baixa e de má reputação; casebre; quarto ou compartimento pequeno, acanhado". Luís da Câmara Cascudo, no seu **Dicionário do folclore brasileiro,** faz o seguinte registro: "Prateleira junto à parede e que é o armário dos pobres. Dependência escusa, suja e escura das casas humildes. Quarto-depósito de velharias inúteis, cobertas de poeira, ao abandono. Moça velha, solteirona". O cancioneiro popular registra a cantiga:

"Bota pó;
Vitalina, tira pó,
que moça velha
não sai mais do caritó!"

4. A palavra **folkcomunicação** foi introduzida na língua portuguesa por Luís Beltrão, através de seu trabalho **Folkcomunicação — um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias** (tese de doutorado). Brasília, Universidade de Brasília, 1967. Folkcomunicação é, pois, a comunicação através da cultura popular.

5. Sobre o namoro, o compromisso, o noivado e o casamento nos fins do século passado e nos começos deste século, nada como consultar **Namoro à antiga — tradição e mudança**, do consagrado mestre baiano Thales de Azevedo que esgota o assunto.

BIBLIOGRAFIA

CASCUDO, Luís da Câmara. **História dos nossos gestos.** São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976.

DICIONÁRIO **das flores, folhas e frutos ou Correio dos Namorados** (7ª ed.). Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1948.

MEO-ZILIO, Giovanni e MEJIA, Sílvia. **Diccionário de gestos** — España e Hispanoamérica. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1980/1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa** (1ª ed., 7ª imp). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **Vocabulário pernambucano** 2ª ed.), Recife: Secretaria da Educação e Cultura, 1976.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação — um estudo dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias**. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 1967.

AZEVEDO, Thales de. **Namoro à antiga** — Tradução e Mudança. Salvador: 1975.

GAMA, Padre Lopes. **O Carapuceiro: as meninas namoradas** (nº e data ilegíveis); **Os namorados satíricos** (nº 38, 1/2/1833); **Os namorados desenxabidos** (nº 70, 14/9/1833); **As exagerações dos namorados** (nº 4, 29/4/1837); **Os velhos namorados** (nº 16, 10/1/1837); **Os namorados impertinentes e imperrados** (nº 65, 12/11/1842); **As diferentes espécies de namorados** (nº 78, 28/12/1842).

OLHOS: JANELAS DA ALMA

Que os olhos sejam as janelas da alma, ninguém tenha a menor dúvida porque é olhando bem os olhos de uma pessoa que podemos saber se ela é boa ou má, romântica ou sensual, pura ou pecaminosa, sincera ou falsa. É que os olhos sempre deixam transparecer o mundo de sentimentos, defeitos e qualidades que moram dentro de cada um de nós.

Quando estamos preocupados ou angustiados, falando uma verdade ou dizendo uma mentira, quando somos dominados por uma emoção qualquer, os nossos olhos são capazes de revelar tudo quanto sentimos com uma exatidão que a ciência ainda não conseguiu explicar.

Até mesmo a própria cor dos olhos pode qualificar as pessoas. Dizem que os ciumentos têm olhos azuis. As pessoas sinceras, leais, costumam ter olhos castanhos. Têm olhos verdes as pessoas capazes de enganar, assegura a sabedoria popular através de um antigo e muito conhecido fado português. Os olhos pretos são misteriosos, difíceis; guardam muito, escondem a alma de seus donos.

E o que dizer, então, da força que certas pessoas têm nos olhos, força capaz de fenecer as flores, adoecer a saúde, entristecer a alegria e até mesmo de matar pessoas, animais e plantas? São pessoas que têm **mau olhado** e, através de seus olhos de **seca-pimenta,** olhos maus, invejosos, podem até mesmo fazer o mal, espalhando tristeza, gerando preocupações de toda a natureza.

Os olhos também participam da linguagem popular. Tanto é assim que **botar no olho da rua** é mandar alguém embora, expulsar. **Ir de olhos fechados,** é conhecer bem o caminho sem precisar de guia. **Com um olho no padre e outro na missa** é prestar atenção a tudo, sem perder nenhum detalhe do que está sendo observado.

Tem **olhos de cabra morta** as pessoas de olhar lânguido, triste, sem expressão. **Ter sangue no olho** é qualidade de quem é valente, esperto, de quem não tem medo de nada. **Com o olho no caminho** fica quem está esperando alguém com certa ansiedade. **Ter os olhos maiores do que a barriga** é a qualificação do guloso, cuja vontade de comer é maior do que o tamanho da fome. **Ter o olho grande** exprime o desejo incontrolável de certas pessoas. **Estar de olho,** é estar atenciosamente observando algo. **Dever os olhos da cara** é a situação de quem está devendo muito, devendo até os cabelos da cabeça. **Num abrir e fechar de olhos,** o que é feito com a maior rapidez possível. **Botar areia nos olhos,** é ato de quem usa de subterfúgios para esconder a verdade. **Custar os olhos da cara,** diz-se de tudo que está muito caro, caro demais. **Ter olhos de peixe morto,** é qualidade de quem tem o olhar parado, perdido na distância, como se não tivesse vida. **Olhos pidões,** são olhos de quem suplica, de quem pede sem usar palavras, sem falar. **Olhos de pitomba** são os olhos pulados, salientes. **Ter** ou **Estar de olho vivo,** significa perspicácia de seu dono. **Pinicar o olho,** é piscar o olho, dar um sinal, namorar à antiga. Quando se faz alguma coisa em pouco espaço de tempo, o que se fez foi feito **enquanto o Diabo esfregou um olho**. **Arriscar um olho,** é aventurar pra ver se algo dá certo. **Abrir os olhos,** além de ser uma advertência é também nascer para a vida, para o mundo. **Fechar os olhos,** é morrer para o mundo e nascer para a Eternidade.

APIPUCOS

Apipucos não é apenas um arrabalde recifense. Parece mais um pedaço do Paraíso onde. não faz muito tempo, as famílias vinham veranear, caçar em suas matas, saborear mangas, pitangas, jacas, goiabas, tomar banho nas águas claras do Capibaribe. Ainda hoje Apipucos conserva sua vegetação luxuriante, suas fruteiras, algumas delas centenárias, seu açude manso onde moram os mais variados peixes e outros frutos de água doce.

Apesar do apito triste de uma fábrica dizendo que o trabalho já começou ou que já terminou e da disparada dos automóveis em sua rua principal, a tecnologia não conseguiu modificar sua paisagem colonial, as casas de porta e janela, as árvores exagerando no verde, as palmeiras imperiais, as lavadeiras com suas cantigas, as cigarras louvando o verão tropical, nem sua atmosfera de bucólico arrabalde embrulhado em beleza e perdido no tempo.

Os pássaros bicam as frutas maduras. Os vendedores ambulantes apregoam suas mercadorias. As abelhas fazem festa no tabuleiro de pão doce da pequena mercearia.

Logo depois do almoço o vendedor de doce japonês vende seu **quebra-queixo**. E, ao cair da tarde, o homem do sorvete de **casquinho** passa, ouvindo-se, também, vez por outra, a trombeta do vendedor de picolé, guloseima que se chamava **doce-gelado,** logo quando apareceu. Reina o cheiro de jasmins e, no seu solar, Gilberto Freyre escreve seus livros, amealha suas honrarias, vive sua glória, orgulhando nossa terra.

Apipucos, um arrabalde-paraíso que se situa tanto no passado como também no presente, imitando, assim, uma estória de fadas.

PALÍNDROMOS

Espero que ninguém vá pensar que **palíndromo** seja um palavrão novo, ou alguma outra palavra moderna que alguns escritores vão inventando de acordo com suas necessidades. Não; **palíndromo** é uma palavra de origem grega que diz respeito a determinados vocábulos que, lidos da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, mantêm a mesma significação. Acredito que o **palíndromo** seja comum a quase todas as línguas, como acontece com relação a **non** (não) em francês, a **oro** (ouro) em espanhol, ao **noon** (meio-dia) e ao **dad** (papai) em inglês.

Exemplos de **palíndromos?** Temos vários e são várias as modalidades. Temos os **palíndromos** de nomes próprios: Ana, Oto. De vocábulos diversificados: asa, anilina, radar, mirim, saias, seres, aba, ele, oco, ovo, aia, esse, arara, sacas. Temos também alguns verbos que se prestam à palindromia: rir, reler, ralar, rever e por incrível que pareça, temos frases que, lidas de revestrés, não perdem seu significado: **Roma me tem amor; Eva, asse essa ave; Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos!,** esta última aprendida na página que, semanalmente, Jô Soares escreve na revista **Veja,** uma das últimas.

Chegamos a conclusão de que vamos encontrar **palíndromos** não somente em palavras ou em frases como até mesmo, fugindo à regra, em números. Jô Soares descobriu que estamos vivendo um ano **palíndromo:** 1991. Os **palíndromos** em números são mais fáceis de ser encontrados. Temos uma infinidade deles: 11, 22, 33, etc. (na casa das dezenas); 101, 202, 303, etc. (na casa das centenas); 1551, 2002, 3113, 8008, etc. (na casa dos milhares).

Como trabalho com palavras, gosto muito de brincar com elas. Quando não tenho o que fazer, ou durante as minhas insônias (é muito mais interessante do que contar carneirinhos até pegar no sono) ou nos dias de

chuva, eu costumo brincar com as palavras. E descobri que muitas outras palavras, ao contrário do que acontece com relação aos **palíndromos,** quando lidas da direita para a esquerda, ganham significados completamente diferentes: Raul (luar), Eva (ave), Lael (leal), Edna (ande), Lene (anel), sítio (oitis), sarará (araras), animal (lâmina), missa (assim), íris (siri), amora (aroma), Roma (amor), alô (olá), orar (raro), ator (rota), além (mela), ramos (somar), solar (ralos) e assim por diante.

Mas, vou ficando por aqui. O sono já está chegando. Vou guardar o lápis e o pedaço de papel, bem devagarinho para mergulhar no mundo misterioso do sono que é uma amostra da morte, inventado por Deus para lembrar, diariamente, ao homem, que a vida é efêmera e que um dia ele tem que morrer.

UM GATO CHAMADO TOSTÃO

Tostão não é somente a "antiga moeda de níquel, de Portugal e do Brasil, que valia cem réis", a "joelhada nos músculos da coxa", "um pingo de chuva" — segundo a gíria carioca, "um tiquinho de, um pouquinho de qualquer coisa", como ensina Aurélio Buarque de Holanda Ferreira na última edição de seu **Novo dicionário da língua portuguesa**. Tostão não é apenas o jogador de futebol que, na década passada, encheu de alegria o coração de milhões de brasileiros. Tostão — o Tostão de que eu falo aqui — é o tiquinho de gato de Bruno, o meu neto. Trata-se de um gatinho **vira-lata,** sem nenhuma sombra de **pedigree,** encontrado na rua, morrendo de fome, só pele e ossos, com uma barriguinha enorme, cheia de vermes.

Pegaram Tostão, cataram suas pulgas, deram-lhe um banho e um purgante. E o pobre do Tostão — por haverem errado na dose do purgante — passou uns três dias tiritando de frio, tomando apenas água de coco.

Quase todo branco — com exceção da cauda e da parte superior da cabeça que são de cor preta — a gente tem a impressão de que ele usa chapéu. Um chapéu um tanto ou quanto irregular, é verdade, mas, um chapéu diferente que lhe dá muita graça, uma graça que aumenta ainda mais com a presença dos enormes bigodes e de seu miado infantil.

Tostão é quase uma pessoinha lá em casa. Tem sua cama, seu lençol, seu prato. E depois de tomar seu leite, vai ronronar no sofá, onde tem seu cantinho predileto.

Quando Bruno chega do colégio ou da casa de seu primo e amigo Marcelo, Tostão já está à sua espera. Bruno grita seu nome e Tostão sai correndo até o terraço. E vão brincar, os dois, com bolinhas de gude. E Tostão corre. E Tostão dá cambalhotas. E Tostão faz as

mais engraçadas piruetas, tentando agarrar uma das bolinhas de gude, o que nunca consegue.

Sabem mais de uma coisa? Quando Bruno vai passear leva Tostão com ele. No começo, o gatinho tinha medo de entrar no carro. Agora, ele nem liga; fica sentado no colo do amigo, todo lampreiro, alegre e feliz.

Mas vocês, hão de dizer: Como é que alguém, no mundo de hoje, povoado de violência, de guerra, de seqüestros, de assaltos, de maldade, como é que alguém ainda vai se preocupar com um pobre gatinho **vira-lata** chamado Tostão?

Acontece, minha gente, que Tostão, para mim, também é uma fuga. E uma busca/retorno no/ao meu mundo de menino do interior, um mundo que cada dia fica ainda mais longe, quando eu também tive um gatinho chamado Cetim, como na poesia infantil que diz assim:

"Eu tenho um gatinho
Chamado Cetim.
Alegre e mansinho
Que gosta de mim..."

Tostão é, assim, um mergulho no meu passado de menino do interior, hoje, depois de dobrar tantas esquinas da vida, de sentir tantas alegrias e tristezas, de sonhar tantas esperanças e sofrer tantas desilusões, de não saber mais quando começa o presente e termina o passado.

Mas, graças a Deus, não é proibido sonhar.

TANAJURA CAI, CAI
PELA VIDA DE TEU PAI!

"**Tanaiúra, tanajura, ata,** a fêmea de uma casta de saúva que, quando ovada e na proximidade da postura, sai do ninho à procura de lugar onde pôr. Na ocasião, é objeto de uma perseguição encarniçada de todos os pássaros insectívoros da localidade e do próprio homem, que secunda o trabalho dos pássaros, não tanto para impedir a formação de novos formigueiros, como porque para muitos são um petisco muito apreciado, especialmente quando moqueadas, são servidas com molho de **tucupi** bem apimentado. As **tanajuras** parecem que sabem desta perseguição, e é por isso, afirmava-me uma das minhas mestras de língua geral que elas não saem senão à tardinha e muitas vezes depois do sol posto. A parte comestível é o abdome ovado; o gosto é de uma bolinha de sebo, que com molho e bom apetite se torna perfeitamente comível" — informa Stradelli, citado por Luís da Câmara Cascudo (1).

Frei Ivo d'Evreux (2), que esteve no Maranhão a serviço da propagação de sua fé, teve a oportunidade de assistir a uma caçada às formigas: "Caçam os selvagens somente as formigas grossas como um dedo polegar, para o que se abala uma aldeia inteira de homens, mulheres, rapazes e raparigas. A primeira vez que vi esta caçada, não sabia o que era, e nem onde ia tão apressada gente, deixando suas casas para correr após as formigas voadoras, as quais agarram, metem-nas numa cabaça, tiram-lhe as asas para fritá-las e comê-las".

Além dos indígenas maranhenses e de outros habitantes do Nordeste brasileiro que são, assim, os comedores habituais das **tanajuras,** o Barão de Eschwvege (3) também registrou tal costume culinário na então Capitania de São Paulo: "Ao começar o tempo mais quente do ano, isto é, em outubro, aparecem com asas as formigas grandes, que julgo serem as fêmeas, reúnem-se então aos milhares, à entrada do formigueiro e dali voam

em enxame; entretanto, esse estado alado não dura muito; assim cai uma após outra do bando, e espalha-se por toda a região. Cada uma, desde que perde as asas, logo trata de cavar a toca e estabelece o novo formigueiro. Na Capitania de São Paulo chamam **tanajuras** tais formigas. Costuma-se comer as grandes, separar a parte superior e assá-las na frigideira, com toucinho, não sendo mau o seu paladar".

Por sua vez, Luís Camilo de Oliveira Neto (4) nos dá notícia de um fato interessante, que diz respeito não somente a existência como também a presença da **tanajura** nos hábitos alimentares dos habitantes do Sul. Quando D. Pedro de Almeida e Portugal, depois primeiro Marquês de Alorna, tomou posse do governo de São Paulo e Minas Gerais, em 1717, na ida para Vila Rica, MG, hospedou-se no rancho de um paulista: "O dono do rancho era um paulista, o qual com generoso ânimo ofereceu a S. Exa. para cear meio macaco, e umas poucas de formigas, que era com tudo quanto se achava. Agradeceu-lhe S. Exa. a oferta, perguntando-se-lhe a que sabiam aquelas iguarias, respondeu que o macaco era a caça mais delicada que havia naqueles matos circunvizinhos, e que as formigas eram tão saborosas, depois de cozidas, que nem a melhor manteiga de Flandres lhe igualava".

Em Pernambuco, Pereira da Costa (5) nos conta que "A **tanajura** assada é um manjar delicioso para os nossos campônios, que as apanham em quantidade prodigiosa, de um modo singularíssimo. Colocam-se embaixo da árvore sobre a qual tem a **tanajura** o seu ninho, e com uma urupema às mãos e pronunciando em certa toada a parlenda:

— **Tanajura** cai, cai,
pela vida de teu pai,

se desprendem elas, e em quantidade tal que imediatamente se enche do apetecido".

A **tanajura**, que é a fêmea da **saúva** ou **saúba, carregadeira, sobitu, formiga de roça,** conforme esclarece Luís da Câmara Cascudo (6) constitui um prato tradicional e que além de participar da culinária brasileira de

um modo geral também caiu nas graças de muitos estrangeiros que nos visitaram e tiveram a oportunidade de provar de seu sabor especial. Charles Frederik Hartt (7) quando andou pela Amazônia nos fins do século XIX, escreveu: "Todo mundo sabe que existe no corpo de certas formigas um ácido chamado fórmico, e que na Suécia as formigas são usadas para fazer vinagre. Quando estive no Amazonas, ouvi muitas vezes gabar o gosto da saúva. Uma senhora americana, residente em uma plantação, perto de Santarém, perguntou-me se eu já tinha comido saúva, ao que respondi: — Não. — Pois bem, disse ela, não deixareis o Amazonas sem experimentá-las, porque são muito gostosas. Dizendo isso mandou uma mulher buscar algumas, e em poucos minutos voltou com uma bacia d'água, em que uma centena de saúvas estavam afogadas. A criada tinha feito um pequeno buraco na estrada ao longo da qual as formigas estavam passando, e aí caíram. A senhora tomou uma formiga da bacia, tirou-lhe a cabeça e comeu-a com evidente prazer. Assim animado, eu segui o seu exemplo, e quando o inseto ficou esmagado entre os meus dentes, a minha boca foi invadida por um sabor um tanto forte de especiaria, assemelhando-se um pouco ao cravo. O sabor picante torna completamente impossível o uso da saúva para outro fim que não seja o da especiaria ou condimento. Adicionadas ao molho do tucupi, estas dão-lhe um gosto muito agradável, como posso asseverar por experiência própria".

O naturalista Henry Walter Bates (8) registrou o uso das **tanajuras** como tempero: "Vi os índios do Tapajós, onde o peixe é escasso, temperarem o tucupi com saúvas".

O antropólogo Gilberto Freyre (9) relata o caso de Hasting Charles Dent, outro dos muitos naturalistas que nos visitaram durante o tempo do Império, e que ficou espantado com os pratos exóticos consumidos pelos colonizadores: "Dent saboreou um lagarto assado e achou a carne ótima: alva, tenra, um gostinho bom de carne de porco. E não quis deixar de provar. **Having read in my cookery book a recipe for fried tanajuras, a kind of ant,** — escreve Dent — **I was most anxious to come across the insect and try the dish**. Um dia — prossegue Gilber-

to Freyre — era 30 de setembro — o ar se encheu de nuvens de **tanajuras** gordas. O naturalista reservou algumas para a coleção e as outras não teve dúvida em juntar para uma ceia bem à brasileira. Dent pegou uma centena de **tanajuras,** botou-as em água fervendo e arrancou-lhes as partes gordas, que pôs então a frigir em banha, com sal e pimenta. **I confess** — diz ele — **I tried my first tanajuras with much delicacy but finding it excellent at half a dozens and finally finished the whise lot.** Era uma delícia".

Acresce, ainda, que a **tanajura,** além de estar na culinária brasileira, também é usada, comida ou dela se fazendo um chá bem apurado, como remédio para combater os males da garganta, como amidalite ou todo e qualquer tipo de irritação, conforme é do meu conhecimento e registro da parte de Dulce Chacon (10).

Pessoas do povo afirmam que a **tanajura** é um prato considerado afrodisíaco, aconselhado, assim, às pessoas portadoras de debilidade sexual.

Na linguagem popular tanajuras são as mulheres que têm as nádegas muito desenvolvidas, os **violões,** as **raimundas**.

Vejamos, agora, como é que se prepara tão saboroso e decantado acepipe:

Arrancam-se as asas, o ferrão e as pernas das tanajuras após lavá-las em água corrente. Em uma frigideira, prepara-se um refogado com cebola ralada, um pouco de óleo, manteiga e sal. Depois de dourar as cebolas, fritam-se as **tanajuras** em fogo brando, até que fiquem torradas. Junta-se farinha de mandioca e deixa-se dourar. É bom ter cuidado para não torrar demasiadamente as **tanajuras**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

(1) STRADELLI, Ermano. Vocabulários da Língua Geral Português — Nheengatu e Nheengatu-Português, precedidos de um esboço de Gramática Nheenga-Umbuêsáua Miri e seguido de contos em língua geral Nheengatu-Poranduua. **Revista do Instituto Histórico e Greográfico Brasileiro,** Rio de Janeiro, v. 108, 1928.

(2) D'EVREUX, Frei Ivo. **Viagem ao Norte do Brasil**. Tradução de César Augusto Marques. Introdução e notas de Ferdinand Denis. Rio de Janeiro: 1929.
(3) ESCHWEGE, Barão de. Diário de uma viagem do Rio de Janeiro a Vila Rica, na Capitania de Minas Gerais no ano de 1811. Tradução de Lúcia Lahmeyer. **Revista do Museu Paulista,** São Paulo, v. **XXI, ns. 888/889,** 1937.
(4) OLIVEIRA NETO, Luís Camilo de. Do Rio de Janeiro a Vila Rica. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** Rio de Janeiro, v. 3, ns. 307/308, 1939.
(5) PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. **Folk-lore Pernambucano** (1a. ed. autônoma). Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.
(6) CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ MEC, 1972.
(7) HARTT, Charles Frederik. Contribuição para o estudo da Etnologia do Vale do Amazonas. **Revista do Arquivo do Museu Nacional,** Rio de Janeiro, v. 125, 1885.
(8) BATES, Henry Walter. **O naturalista no Rio Amazonas**. Tradução de Cândido de Melo Leitão. São Paulo: 1944.
(9) FREYRE, Gilberto. **Açúcar** (3a. ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1987.
(10) CHACON, Dulce. **Receitas Mágicas**. Recife: 1973.

POLITICA & FOLCLORE

Não é de hoje que folclore e política se envolvem, se misturam no que se refere à participação do povo, com sua inventiva, nos processos políticos, principalmente quando se trata de campanhas eleitorais, comícios, volantes, pasquins.

Para não irmos tão longe, podemos lembrar as anedotas — manifestações da literatura oral de todos os povos — criadas em torno do então presidente Getúlio Vargas, considerado o mais carismático de todos os presidentes a ponto de, em plena ditadura do Estado Novo, ser chamado de **Pai dos Pobres**. Anedotas tantas que foram reunidas e publicadas em livro editado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), dirigido por Lourival Fontes.

Dentre as anedotas criadas pelo povo, enaltecendo as qualidades do presidente, mencionarei apenas a que segue, levando-se em consideração as limitações que se fazem necessárias na elaboração deste trabalho.

Dizem os historiadores, e os mais antigos, que Getúlio — que o povo chamava de **Gêgê,** na intimidade — era um político muito sagaz, muito sabido, matreiro, maquiavélico no bom sentido, até. Um político tão fino que ninguém conseguia ler seu pensamento, nem sequer vislumbrar o mínimo detalhe de sua opinião a respeito de determinados problemas da política nacional ou, até mesmo, internacional. Seu hermetismo nada deixava transparecer.

Durante a II Grande Guerra Mundial o presidente Vargas andava pisando em ovos, sem saber o que fazer para não tomar partido, para não desagradar nem os americanos e seus aliados e nem os componentes dos países participantes do chamado Eixo Roma-Tóquio-Berlim. É que o Brasil, naquela época, era, e ninguém sabe quantas vezes, considerado um País subdesenvolvido, tão

subdesenvolvido que importava até palitos de dente. O presidente não queria que o Brasil participasse do conflito que já envolvia países de todos os continentes.

Um dia, o presidente Roosevelt telegrafou a Getúlio indagando qual o rumo que o Brasil tomava em relação à política nacional ou à política internacional. Ele queria saber se o Brasil era carne ou peixe, se estávamos ao lado dos aliados ou dos componentes do Eixo. Getúlio leu o telegrama, sorriu (seu sorriso ficou célebre) e respondeu assim: "Presidente Roosevelt. Casa Branca. Washington, D.C., Estados Unidos. **Colhões**. (a) Getúlio Dornelas Vargas, Presidente do Brasil".

Os assessores de Roosevelt leram o telegrama de cabeça pra cima, de cabeça pra baixo, consultaram todos os códigos de mensagens cifradas e ninguém conseguiu entender a mensagem do presidente brasileiro. Resolveram, então, em última instância, mandar um avião à Califórnia, com a finalidade de trazer a artista brasileira Carmen Miranda que morava lá, há alguns anos, para ver se ela conseguia decifrar o telegrama de Getúlio. A cantora de "O que é que a baiana tem?" leu o telegrama, sorriu e explicou: "— Mas é muito fácil. O presidente Vargas manda dizer, através da palavra **colhões** que, como acontece com os próprios, o Brasil poderá colaborar (com os aliados), mas não entra (na guerra)"...

Mas não é somente através da anedota que folclore e política se misturam, gerando, dessa união, o pitoresco, tão do gosto popular. O **folheto de feira** — "o jornal paralelo do povo", no dizer de Homero Fonseca — também participa das louvações e também das espinafrações dos vereadores (**Para ser vereador,** folheto de autoria desconhecida, enaltecendo as qualidades do candidato Lourinaldo Rodrigues), dos prefeitos (**Só Jarbas como prefeito viu a praça dom Vital** — de Leonardo Rodrigues e **A grande administração do prefeito Augusto Lucena** — de F. C. Leal), dos governadores (**Dr. Marcos Maciel e novo governador de Pernambuco** — de Homero do Rego Barros e **A vitória de Arraes e a volta ao Palácio das Princesas** — de José Soares da Silva), dos presidenciáveis (**Encontro dos presidenciáveis no Largo da Carioca no Rio de Janeiro** — de Abraão Batista), dos movimentos políticos (**Muda Brasil e Queremos diretas**

já, **A nova república e a posse de Tancredo** — do poeta Leonardo, **A vitória de Tancredo e o fim da ditadura** — de Manoel Basílio, **Vida, trabalho e doença do presidente Tancredo** — de José Bento da Silva, **Brasil na Constituinte** — de José Bento da Silva), dos acontecimentos políticos (**Tancredo Neves o mártir que não morreu** — de Homero do Rego Barros, **O Brasil chora por Tancredo** — de Manoel Basílio, **A chegada de Tancredo no céu** — de Fernando Calheiros), dos presidentes (**É Deus no céu e Getúlio na terra** — de Cuica de Santo Amaro, **Getúlio Vargas fala ao seu povo** — de Manoel Pereira Sobrinho, **Getúlio Vargas o orgulho do Brasil** — de Delarme Monteiro, **Getúlio voltará** — de Rodolfo Coelho Cavalcanti, **A chegada de Getúlio no céu** — de Cuica de Santo Amaro e ainda quase uma centena de folhetos publicados sobre este presidente brasileiro, que Orígenes Lessa recolheu e estudou em seu livro **Getúlio Vargas na literatura de cordel** [Editora Documentário, Rio de Janeiro, 1973], **A Nova República do presidente Sarney** — de José Luís Bastos Santos, **I Aniversário de governo do presidente Sarney** — de Homero do Rego Barros, **República Brasileira** — de Lamartine Morais), dos ministros (**O pacotão de Satanás** — de Nelson Poeta).

Outro presidente da República que motivou a criatividade popular foi o marechal Eurico Gaspar Dutra, que foi apelidado de "castanha" e "caneco amassado". Contam dele estórias incríveis, folclóricas, mesmo.

Inventaram muitas estórias com o nosso presidente **baixinho**. Uma delas alega seus parcos conhecimentos lingüísticos quando, no lugar de ler **quiçá do Brasil** num discurso que fez, ele disse **cuíca do Brasil**. Vejamos algumas das estórias.

1. Quando foi inaugurada a hidroelétrica de Paulo Afonso aconteceu uma festa muito grande, com muito discurso, banda de música e muito foguetório, sem contar a presença de ministros, senadores, deputados e o presidente Dutra. Por ocasião da inauguração muitos oradores se fizeram ouvir, todos eles entusiasmados, dizendo que Paulo Afonso era a redenção do Nordeste, era a salvação do Nordeste e por aí lá vai. O presidente Dutra ficou com o encargo de encerrar as festividades.

— Quais são as impressões de V. Exa. sobre a hidroelétrica de Paulo Afonso, Senhor Presidente? — indagou um jornalista.

Depois de pensar um pouco e de contemplar as águas do rio São Francisco movendo as turbinas, o presidente disse, com a voz embargada:

— Quanta água!...

2. Quando o presidente Dutra visitou os Estados Unidos foi recebido, na Casa Branca, pelo presidente Truman que, ao lhe apertar a mão, indagou:

— How do you do, Dutra?

O presidente não se fez de rogado. Apertando, com mais força ainda, a mão de Truman, respondeu:

— Hou tru you tru, Truman?

Depois de visitar as principais cidades americanas e os mais bonitos recantos turísticos, o presidente, antes de voltar ao Brasil, foi se despedir do colega americano que, ao lhe apertar a mão, na despedida, falou:

— Adeus, insigne **viajante!**

— Adeus, insigne **ficante!** — respondeu o presidente Dutra, sorrindo.

Como sempre acontece, a política voltou a ferver em 1988, quando os brasileiros, devidamente redemocratizados, foram convocados para exercer o direito cívico do voto, escolhendo, livremente, seus representantes nas esferas federais, estaduais e municipais.

Acordou, então, no coração dos brasileiros, a liberdade temporariamente amordaçada. O povo foi à praça pública, desacostumado, quase sem jeito, pra ouvir e, em seguida, escolher governadores, senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores.

E a luta política pegou fogo nas ruas, na imprensa, no rádio e na televisão. Também pegou fogo folcloricamente.

Na região de Catarina, Espírito Santo, que engloba dezoito municípios, o eleitor ficou um pouco confuso com o elevado número de candidatos. Calculem que mais de duas mil pessoas disputaram as duzentas e trinta e cinco vagas de vereadores. O pitoresco, o folclórico, o interessante, é que no registro dos candidatos surgiram os apelidos, como as pessoas são realmente conhecidas nas cidades do interior, onde ninguém é conhecido pelo verdadeiro e completo nome que figura no Registro Civil. Em Colatina surgiram candidatos carregando nas costas os mais diferentes apelidos capazes de motivar brigas, mas todos fizeram sua campanha, seus comícios nas vilas e povoados. Apareceram, assim, candidatos apelidados de **Zico, Xuxa, Maradona, Garrincha, Swing, Vinagre, Hortelã**. Apenas um único candidato teve seu pedido de registro de apelido negado pelo Juiz Eleitoral: o do cidadão José Luís de Paiva, mais conhecido por **Bundinha**.

Em Simão Dias, Sergipe, os irmãos José Valadares e Arnaldo Valadares, candidatos à vereança, quase que brigavam, não fosse a atitude de dona **Caçula,** mãe dos **meninos** (como as mães sempre chamam os filhos de todas as idades), que fez com que os filhos abrissem mão de suas candidaturas em seu favor, o único jeito da família permanecer unida.

Em Pernambuco, os apelidos políticos sempre proliferam por ocasião das campanhas políticas. No passado, tivemos, entre outros, **Adonis de Sebo** (como Joaquim Nabuco era conhecido pela imprensa adversária), **Barbosa Fera** (apelido do General Barbosa Lima), **Boca de Chupar Ovo** (apelido do prefeito recifense Moraes Rego), **Chico Marreta** (era o do conselheiro Rosa e Silva), **China Gordo** e **O Malaio** (apelidos do governador pernambucano Agamenon Magalhães), **Diabo Louro** (era o apelido de Marcos Freyre), **Doutor Cospe-Cospe** (era o de Barros Barreto), **João Três Quedas** (como João Cleófas era apelidado por haver perdido três eleições como candidato a governador de Pernambuco), **Mapa do Chile** (ainda é o do senador Marcos Maciel, por sua altura e

magreza), **O Homem de Cinzento** (era o governador Barbosa Lima Sobrinho), **Senador Lambedeira** (apelido dado, por seus adversários, a Etelvino Lins), **Quincas — o Belo** (outro apelido de Joaquim Nabuco), **Filho Herói** (apelido de Luís Freyre, prefeito de Olinda).

Em 1988, os apelidos surgiram no Recife quase todos em função da profissão dos candidatos. Surgiram, assim, **Biu da Água, Carlos Fossinha, Luís do Mé, Zé do Fumo, Pedro do Posto, Joca da Barraca, Antônio do Bolo, Zito do Café, Amaro da Lanchonete da Vila, Carlos do Jogo de Bicho.**

Durante a campanha eleitoral para presidente da República, em 1989, espantosa e surpreendente foi a pluralidade de candidatos — e nunca se viu (e é bom registrar) uma eleição presidencial com tantos candidatos! — fez com que surgissem muitas anedotas envolvendo os presidenciáveis e alguns novos verbos (como **colorir, lular, brizolar, afifar**) foram provisoriamente incorporados à linguagem popular. Foi, entretanto, notada a ausência, em Pernambuco e talvez em todo o Nordeste, de folhetos, no decorrer da campanha, o que nunca aconteceu nas campanhas anteriores, quando os candidatos foram endeusados nas feiras, nos mercados e nas praças públicas pelos poetas populares. E qual terá sido a causa da ausência dos folhetos na última campanha eleitoral? Edson — o proprietário do Cordel 7, do Mercado de São José, no Recife — tem uma explicação que nos pareceu certa: "Penso que os poetas, por força da inflação, não tiveram dinheiro para imprimir seus folhetos. E talvez os chefes políticos e os candidatos deixaram de fazer suas habituais encomendas". Assim, a literatura popular em verso, também conhecida como literatura de cordel, ficou, pela primeira vez, ausente da política.

E para não dizer que a ausência da poesia popular na campanha política de 1989 foi total, consegui pôr as mãos na volante distribuída na cidade do Recife, mimeografada, intitulada O DIABO ALAGOANO, de autor desconhecido:

"Estando desocupado
O grão-duque Satanás
Teve uma idéia nociva
Horripilante e mordaz:
Colocou numa caldeira
Vinte pipas de aguardente
Dez mil cobras venenosas
E um diabo demente.
Sublimado corrosivo
Sulfato de estricnina
O couro de dez hienas
Dez quilos de cocaína
Rabujo de dez raposas
Apetite de urubu
O despeito de Caim
Vinte couros de timbu.
Tudo isso colocado
Numa caldeira a ferver
Tomou a forma de gente
Como o Diabo quis fazer.
Satanás achando pouco
Lambuzou merda de porco
Como se fosse caramelo
E ao soltá-lo no mundo
Batizou o vagabundo
Fernando Collor de Mello."

Mas a tônica, mesmo, da campanha eleitoral de 1989, foi a anedota. Procurei colecionar algumas delas já premeditando escrever este trabalho — uma modesta contribuição ao estudo do folclore brasileiro no que diz respeito à presença do folclore na política nacional — tendo, entretanto, o cuidado de rejeitar as que atentavam contra a moral dos candidatos como, por exemplo, a dos aviões da Transbrasil e a de Picasso.

Teremos, assim, em seguida, as anedotas escolhidas, envolvendo alguns dos candidatos.

1. Um amigo meu, às dez da noite, me telefona de São Paulo:

— Você sabia que Lula sofreu um atentado, hoje?

— Não me diga, Meireles. Como é que aconteceu?

— Jogaram uma **gramática** no carro dele...

2. Quando Lula foi aos Estados Unidos os metalúrgicos de lá fizeram a maior festa. Calculem que tinha até uma faixa enorme que dizia assim:

WEL COME LULA!

Parece que Lula não gostou dos dizeres e ficou meio ofendido. E quando o presidente dos metalúrgicos dos Estados Unidos esteve aqui, em São Paulo, Lula também fez uma festa muito bonita e botou uma faixa com os seguintes dizeres:

LULA COME WEL!

3. Os padres da Igreja Progressista, durante as cerimônias religiosas, não dizem mais a palavra Aleluia. Agora eles só falam **AleLULA**.

4. Contam que o lema de Lula sempre foi:

H — de ordem
C — de segurança
C — de saúde.

5. Um **petista** fervoroso perguntou a um **colorido** doente:

— Você sabia que o presidente Collor vai pagar a nossa dívida externa com charque?

— E como ele vai fazer?

— Vai fazer charques dos burros que votaram nele...

6. Um eleitor de Collor pergunta a um eleitor de Lula:

— Você sabia que Lula está doente?

— Doente de quê? — indagou o **petista** assustado.

— Ele está com um **torceCOLLOR** danado...

7. Um eleitor de Collor perguntou a um eleitor de Lula:

— Por que você não vota em Collor?

— Eu? Nunca, meu amigo. Se Collor **mellou** Alagoas como é que vai ter tinta para **collorir** o Brasil?

8. Explicava um admirador de Collor:

— Como no Brasil o número de eleitoras é muito maior do que o número de eleitores, Collor vai ganhar a eleição.

— E o que é que tem uma coisa com a outra? — perguntou um **petista** que estava escutando.

— É que as mulheres gostam de um colo...

9. Um admirador de Collor explicava, numa roda de amigos:

— Uma coisa Ceausescu, o presidente Bush e Lula têm em comum.

— E o que será? — indagou um curioso.

— Nenhum deles fala português...

10. Um jornalista pediu a três presidenciáveis que cada um deles dissesse um verbo.

— Bicicleta — disse um deles.

— Vermelho — respondeu o segundo.

— Hospedar — foi o que o jornalista ouviu de Lula.

— Muito bem, Lula. Você foi o único que disse o verbo certo. Agora, Lula, faça uma frase com as palavras bicicleta, vermelho e hospedar — pediu o repórter.

Lula não se fez de rogado. Fez logo a frase:

— **Os pedá** da bicicleta **é** vermelho!

11. Um jornalista, entrevistando Lula, fez-lhe a seguinte pergunta:

— Quando o senhor for eleito presidente como é que vai resolver o problema de nossa participação na OEA?

— No meu governo não tem nada disso, não. O O é O e o A será sempre A. E não o O é A, respondeu Lula.

12. A fama de Lula já está correndo o mundo. Calculem vocês que na França os operários estão deixando a barba crescer. Na Itália, os operários só andam com o broche de Lula. Na Alemanha, todo mundo usa a estrela vermelha do PT. Em Portugal, os trabalhadores estão cortando o dedo mindinho...

13. Numa de suas passagens por Brasília, em companhia de sua senhora, ao passar pelo Palácio do Planalto Lula disse à esposa:

— É ali que você vai morar!

A esposa do candidato olhou, olhou, olhou e **falou:**

— Pode ser muito bonito, muito grande. Mas vou comer o diabo para limpar aquelas vidraças todas...

14. Você sabe o que é que tem na caixa de Perpétua, da novela **Tiêta?** — O dedo de Lula...

15. Numa festa do PT todo mundo estava cantando o **Lula-lá**. Lá pras tantas apareceu um cidadão que também começou a cantar. Só que em lugar de cantar o **Lula-lá,** ele cantava **MULA-LÁ**. Era um eleitor de Collor que foi botado pra fora debaixo de pau.

16. Dizem que Lula quase que perdia a hora de votar. Chegou em cima da hora, faltando uns dois minutos para as cinco da tarde.

— Mas, Lula, quase que você perdia a hora de votar...

— É que eu estava em casa treinando a fazer o X no quadrinho...

17. Um de seus amigos, querendo ajudá-lo, ponderou:

— Lula, você precisa ser um pouco mais letrado...

— Deixe comigo. De hoje em diante vou passar a tomar sopa de letrinhas duas vezes por dia, no almoço e no jantar.

18. Depois de uma reunião do PT, já de madrugada, Lula chamou os amigos para comer alguma coisa:

— Vi um lugar que deve ser muito bom. É lá no **Forró do Gerson**.

— E onde é que fica esse lugar?

— Deixe comigo, que eu ensino.

E saiu aquele monte de carro com Lula na frente, dando as dicas do caminho. Depois de andar uns dez minutos Lula disse:

— Chegamos. É ali. Olhe o letreiro enorme.

Um de seus assessores chamou Lula em particular e lhe explicou:

— Não é FORRÓ DE GERSON, Lula. É FORRO DE GESSO!

19. Uns amigos chegaram na casa de Lula justamente na hora em que ele estava, na presença dos filhos, escrevendo no quadro negro.

— Que está fazendo, Lula?

— Além de alfabetizar meus filho estou ensinando a eles boas maneira.

— Como assim? — perguntou um dos amigos.

— Vejam vocês, disse Lula e começou a escrever:

U U U U U U U U U
tem
Q O B D C
U U U U U U U U U

— E o que significa o que você escreveu, Lula?

— E vocês, que são tão sabidos, não sabe?

— Não.

— Pois o que escrevi foi. E falou:

Os pequenos
tem
que obedecer
os grandes!

20. O candidato Ulisses Guimarães estava tirando uma soneca quando apareceu seu netinho:

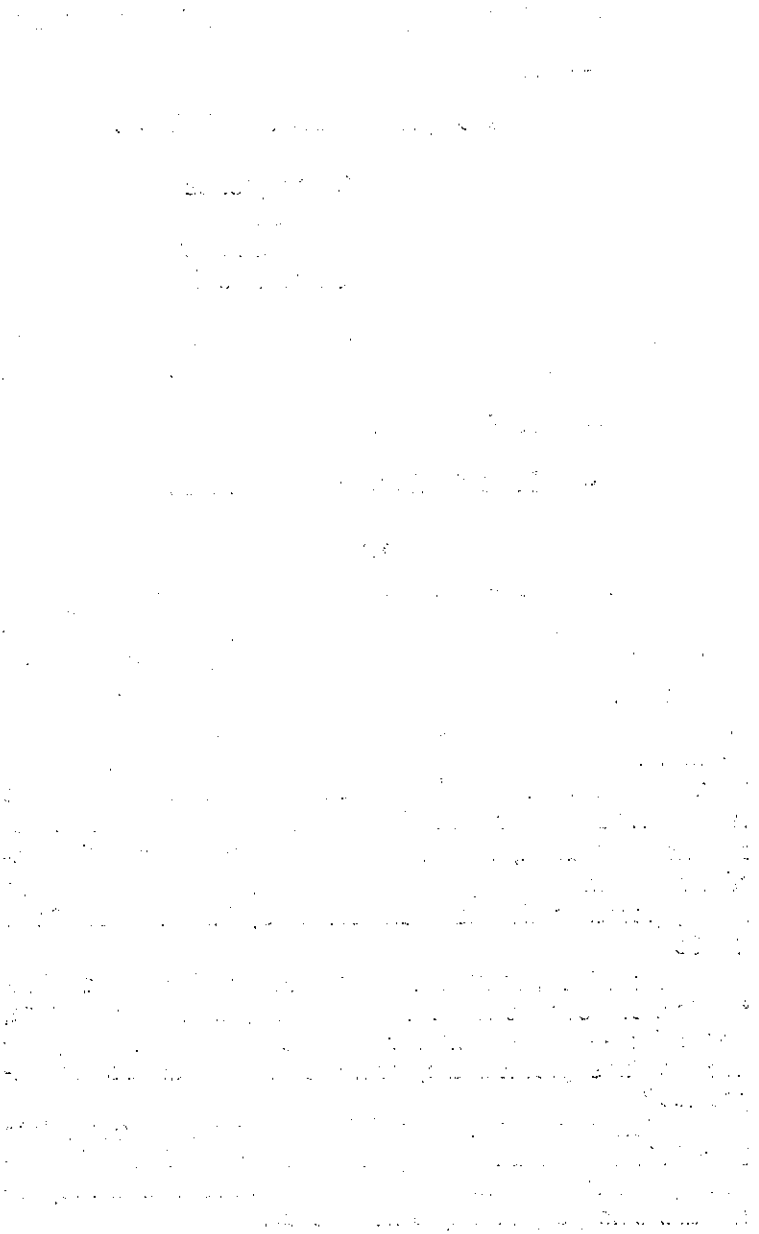
— Vovô, eu quero colo...

— Collor? Até você, meu neto?

Por que o candidato Luís Inácio **Lula** da Silva ganhou muito mais anedotas do que seu opositor Fernando **Collor** de Mello? Qual dos dois foi, durante a campanha, considerado como o mais popular, o melhor alvo para a criatividade do povão? O candidato Luís Inácio Lula da Silva — metalúrgico, sem nunca haver alisado os bancos de uma Universidade — foi apontado como uma pessoa que falava errado. Na realidade, ele escorregou algumas vezes na gramática, mas não de maneira exagerada, porém muito mais do que o candidato Fernando Collor de Mello, portador de título universitário, falando francês e inglês.

Acontece, entretanto, que quase todos os candidatos tiveram suas cascas de banana gramaticais. Agora, pergunto: — Quem nunca cometeu pequenos ou grandes deslizes gramaticais, principalmente falando de improviso?

Voltando à pergunta inicial: por que o candidato Luís Inácio Lula da Silva ganhou mais anedotas do que seu opositor? Que os sociólogos encontrem uma resposta para esta pergunta que fica no ar.



O RECIFE: A RIQUEZA DE SEU FOLCLORE

Velho burgo várias vezes secular, o Recife — cidade cruel para uns e mãe carinhosa para tantos outros — tem seu coração safenado por diversas pontes que atravessam seus rios, artérias que já foram usadas como caminhos do açúcar e da fuga de escravos, coração muito sofrido por sua participação em tudo quanto foi luta pela conquista da Liberdade.

Toda ela construída em solo embebido pelo sangue de seus heróis, a cidade do Recife escreveu, através de sonhos, anseios e decisões de sua gente — índios, negros e portugueses — as páginas mais bonitas de nossa História, desde a invasão dos holandeses às batalhas até hoje travadas pela conquista de nossa independência.

O Recife é, assim, graça, tradição, com seu passado heróico, suas mulheres vestidas de beleza, seus cajus, seus coqueiros, suas mangas, suas praias, seu sol, seus sapotis.

Com tanta beleza de mãos dadas a um passado tão dinâmico, com seus índios, seus portugueses e seus africanos miscigenados no amor, na alegria e na dor, com suas ruas misteriosamente estreitas, com suas igrejas enfeitando de fé a vida dos que têm a honra e a alegria de ser sua população, a cidade do Recife, ao completar quatrocentos e cinqüenta anos de idade, já tem, também, seu espírito, suas raízes fincadas num passado glorioso, sua tradição, seu folclore.

Aqui se aclimataram todas as manifestações folclóricas trazidas pelos colonizadores portugueses e pelos escravos africanos, juntadas às dos índios donos do lugar. Assim é que ainda hoje continuam em evidência o **pastoril** — integrando o ciclo das festas natalinas do Nordeste; as doces **canções de ninar** — fazendo adormecer, no regaço de suas mães, criancinhas inocentes;

as **cantigas de roda** — alegrando as meninas sonhadoras; as **adivinhações** — agora também veiculadas pelas radiodifusoras; — os **papagaios** — enfeitando os céus do mês de agosto, quando São Lourenço, basta assobiar, abre todas as portas do vento; as **bolas de gude** — nos recreios das escolas e nas praças dos subúrbios, onde ainda se brinca de **manja,** de **pegador,** de **dono da calçada,** e de tantos outros jogos que continuam desafiando os desenhos animados da televisão e a tecnologia dos brinquedos plasticamente massificados.

Acontece que o recifense — a criança, o jovem e o adulto — não vive apenas os brinquedos e as danças trazidas pelo português colonizador. Sua criatividade, aprimorada no decorrer dos séculos, fez com que a cidade tivesse, também, seu folclore à sua maneira, fruto de sua vivência e por força da homogeneidade de sua população.

Por ocasião dos festejos juninos, precisamente na véspera de São João, à noite, em diversos subúrbios do Recife, temos o **Acorda Povo,** "talvez a derradeira procissão religiosa do Brasil onde ainda se dança", segundo Evandro Rabelo. Também conhecido como **Bandeira de São João, Procissão do Galo, Procissão de São João, Bandeira do Galo** ou, ainda, **Banho de São João,** o **Acorda Povo** sai da casa do juiz(a), onde ficou desde o ano anterior, em seu nicho, na sala de visita ou de jantar, nicho este todo forrado com papel de seda encarnado e branco que são as cores do santo nos terreiros, onde São João corresponde à divindade de Xangô.

Em frente à casa do juiz(a) é acesa a fogueira e foguetes, balões e fogos de artifício enfeitam o céu. **Milho assado, canjica, pamonha, pé-de-moleque,** vinho, cachaça, guaraná, são servidos aos presentes. Cantam-se a ladainha de São João, o Rosário, uma Salve Rainha de São João e o Bendito de São João. Em seguida, a procissão percorre algumas ruas do subúrbio até a casa do juiz(a), onde a imagem de São João vai ficar até o ano seguinte.

Antigamente o **Acorda Povo** acabava sempre com um banho de homens e mulheres, no rio, em cujas águas todos deixavam seus pecados enquanto cantavam:

— "São João foi tomar banho
Com vinte e cinco donzelas.
As donzelas caíram n'água
E São João caiu com elas."

Os pregões são outra manifestação folclórica de muita beleza. Cantados, falados, ou tocados, cada cidade tem os seus **pregões**. E o Recife, como não poderia deixar de ser, tem os seus.

Entre os **pregões** antigos temos o do vendedor de pitomba:

— "Ei, piripiripiripiripitomba!
Menino chora pra comprar pitomba!
Ei, pitomba!"

Outros **pregões** enchem de melodia a vida e a saudade de muita gente:

— "Olhe o **rolete! Rolete** é de **cana caiana!**"
Quem vai querer?"
— "Eu tenho **lã de barriguda** pra travesseiro!"

— "Ostra chegada agora! Chegada agora... Chegada agora..."

— "Mé novo, de engenho!"
— "Verdureiro!"
— "**Macaxeira! Macaxeira rosa!**"
— "**Macaxeira! Macaxeira Bahia,** cozinha n'água fria!"

E o vassoureiro? Quem, com mais de trinta anos de idade não se lembra da figura folclórica do **vassoureiro,** com seus dois balaios pendentes de um pedaço de caibro sobre os ombros, balaios cheios de mercadorias constantes de seu pregão maravilhoso:

— "**Vassoura, abano, espanador,** bacia de lavar prato, **regador, colher de pau, esteira d'Angola, rapa-coco,** grelha! **Olha o vassoureiro!** Vai querer hoje?"

E estes outros, também bonitos e saudosos, como:

— "**Doce gelado!**"
— "Sorvete! É de coco e de maracujá!"

Os **pregões** atuais, quase todos, com exceção de alguns, são tocados, como a trombeta do vendedor de **picolé,** a sineta do **pipoqueiro,** a gaitinha do vendedor de **cuscuz** e do **amolador** de tesouras, a sineta do caminhão de gás, etc. Entre as exceções, lembro:

— "Olha o amendoim! Amendoim torradinho!"
— "Caranguejo! Olha o caranguejo!"
— "**Pirolito!** Olha o **pirolito!** Quem vai querer?"
— "**Cavala!** Olha a **cioba!**"

E os mal-assombrados do Recife? Gilberto Freyre registrou, no seu **Assombrações do Recife Velho,** algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense, livro capaz de arrepiar os cabelos, onde vamos encontrar os mal-assombros mais terríveis da Veneza Americana, como o **Boca de Ouro,** o **Barão perseguido pelo Diabo, As luzinhas misteriosas,** o **Visconde encantado,** o **Barão de Escada** num lençol manchado de sangue, o **negro velho** que andava em fogo vivo e outros, além do registro das casas mais mal-assombradas do Recife, como o **sobrado da estrela** e o **sobrado das três mortes.**

Ainda hoje passar pela Cruz do Patrão só o faz quem tem muita coragem. Segundo Evandro Rabelo "a Cruz do Patrão ficou na alma do povo como sinônimo de coisa mal-assombrada, lugar para quem tem juízo não passar altas horas da noite, pois corre o risco de encontrar gente do outro mundo no caminho. Poderá ver alma de negro dançando ou o lamento de algum patriota arcabuzado em seu largo. Altas horas da noite aparecem coisas infernais. Almas penadas gemem e choram e uma misteriosa luz se apaga e acende a noite inteira. Barulho de pesadas correntes denunciam visagem. Alma de negro cativo. O cabelo de quem assiste a esse espetáculo se levanta, procura as pernas e não acha, quer gritar e a língua engrossa".

No mercado de São José, vamos encontrar o **vuco-vuco,** lugar onde se vendem ou se trocam ou se compram roupas e sapatos usados. E, nos seus inúmeros compartimentos, são encontrados os remédios populares mais variados, à base de folhas, flores, raízes e frutos de plantas milagrosas que curam ou aplacam os mais variados males, principalmente os considerados como menores. Comidas regionais como **buchada, panelada, cozido, mão-de-vaca, feijoada, sarapatel,** doces os mais populares e diferentes, caldo de cana e um mundo de iguarias de encher a boca d'água de qualquer cristão que esteja com fome. No pátio do Mercado poetas populares vendem seus folhetos, emboladores embolam emboladas, o homem da cobra fala pelos cotovelos vendendo sua mercadoria, ceguinhos entoam suas tristes canções de quem não vê a luz do dia. Todo um mundo colorido e misterioso como colorida e mistericsa é a alma do povo.

Que dizer dos tipos populares de antigamente? Já fazendo parte da alma da cidade, temos o **Papa-Figo** (que comia o fígado de crianças para ficar bom de sua morféia), o **Cariri,** o **Doutor Corujinha, Maracujá de Gaveta, Bonifácio Barbicha,** o **Garapa,** o **Homem da Ostra** (vendendo suas ostras e conduzindo sua hidrocele) e tantos outros, tão interessantes como os que ainda hoje percorrem as ruas da cidade vivendo sua leseira, servindo, às vezes, até mesmo de saco de pancadas de pequenos marginais sem caridade, como **Ângela Maria** (que imita a cantora do mesmo nome), **Me dá Mil** (um pobre homem que mora em Apipucos e pede às pessoas mil cruzeiros, devolvendo ou mesmo não aceitando caso a pessoa lhe dê mais do que a importância pedida), **Perua** (tomando pileques sem fazer mal a ninguém), **Vanusa** (que, em Boa Viagem, imita a voz da própria, fazendo, também, demonstrações de caratê e conguefu), **Chapéu de Couro** (que usa um chapéu de couro e tem o peito coberto de medalhas, tendo até mesmo feito propaganda de um candidato), além de muitos outros que podem ser encontrados perambulando pelas ruas dos subúrbios, merecedores de nossa caridade, do nosso apoio.

Já notaram como algumas ruas recifenses têm nomes curiosos? Na lista telefônica da cidade encontrei

a Rua do Alçapão (Nova Descoberta), Rua do Arame (Estância), Rua da Baixinha (Beberibe), Rua da Bola (Santo Amaro), Rua das Calçadas (Santo Amaro), Rua do Cotovelo (Boa Vista e Casa Amarela), Rua das Creoulas (Graças), Rua do Despacho (Afogados), Rua Deus te Guarde (Afogados), Rua Dragão do Mar (Pina), Rua da Escada (Totó), Avenida Encanta Moça (Pina), Rua Estrela Brilhante (Beberibe), Rua Flor do Sertão (Jordão), Rua do Fogo (São José), Rua do Futuro (Graças), Rua Ilha do Destino (Boa Viagem), Rua das Lágrimas (Casa Amarela), Rua das Moças (Arruda e Casa Amarela), Rua do Poço (Afogados), Rua do Porão (São José), Rua da Roda (Santo Antônio), Rua dos Velhos (Casa Amarela), Rua dos Tijolos (Boa Viagem), além do Beco da Facada, do Córrego da Loura (Beberibe), Rua Queira Deus (Tejipió), Rua Só Nós Dois (Beberibe) e tantos outros logradouros públicos.

Não podemos esquecer as manifestações folclóricas próprias do Recife como o **pastoril** do Velho Barroso, o **mamulengo** de Tiridá e, quando chega o Carnaval, o **Maracatu Leão Coroado,** os **caboclinhos,** o **la ursa,** as **troças,** o **Zé Pereira,** o **Homem da Meia-Noite,** o **Galo da Madrugada,** o **Vassourinha,** o **Clube das Pás** e muitos outros que enchem as ruas da cidade de gente, de cores, de frevo, de passo, de alegria.

Assim é a riqueza do folclore do Recife.

COMPOSIÇÃO, ARTE, FOTOLITO E IMPRESSÃO
NO PARQUE GRÁFICO DA

COMPANHIA
EDITORA DE
PERNAMBUCO

RUA COELHO LEITE, 530 ST.º AMARO - RECIFE-PE - FONE 421-4233